



CRONICAR

HISTÓRIAS DE
MOMENTOS E LUGARES

ORGANIZAÇÃO

MARCOS BALTAR

ELIZABETE TEREZINHA GOMES

ANDRÉA FIGUEIREDO LEÃO GRANTS

ROBERTA MORAES DE BEM

CRONICAR

histórias de momentos e lugares

Organizadores

Marcos Baltar

Elizabete Terezinha Gomes

Andréa Figueiredo Leão Grants

Roberta Moraes de Bem

CRONICAR

histórias de momentos e lugares

Florianópolis



2011

© 2011 Universidade Federal de Santa Catarina. Biblioteca
Universitária

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida desde que
citada a fonte.

Catálogo na fonte pela DECTI da Biblioteca Central da UFSC

C947 Cronicar [recurso eletrônico] : histórias de momentos e lugares /
organizadores Marcos Baltar... [et al.]. – Florianópolis :
UFSC/BU, 2011.
104 p.

ISBN: 978-85-65044-00-4

1. Crônicas brasileiras. 2. Universidade Federal de Santa
Catarina – Servidores públicos – Narrativas pessoais.
I. Baltar, Marcos. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Biblioteca Universitária.

CDU: 869.0(81)-94



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/).

Créditos



Realização Universidade Federal de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social
Departamento de Desenvolvimento de Potencialização de
Pessoas Divisão de Capacitação e Afastamento para
Formação

Pró-Reitoria de Infraestrutura. Biblioteca Universitária

Revisão: Zulma Neves de Amorim Borges e João Prilla

Fotos de Lucas Inácio

Capa: Eduardo Luiz de Faria

Normalização e Diagramação: Roberta de Bem e Andréa Grants

A linguagem e a vida são uma coisa só.

Guimarães Rosa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
OSOGBO, ENTRE A RELIGIÃO E A ARTE	13
<i>Hilton Fernando da Silva Pinheiro</i>	
VENEZA	15
<i>Janaina Santos de Macedo</i>	
SIMPLESMENTE FÁTIMA	17
<i>Mirna Cassettari Saily</i>	
GOIÂNIA VERSUS FLORIANÓPOLIS: UMA ESCOLHA DIFÍCIL.....	19
<i>Marlene Medeiros da Luz</i>	
RIO DE JANEIRO: O VELHO NÃO SERVIA?	27
<i>Otávio Rechsteiner Maghelly</i>	
DOM PEDRITO – CAPITAL DA PAZ	30
<i>Carmem Vera Gonçalves Vieira Ramos</i>	
GRAMADO: UMA VIAGEM INESQUECÍVEL	35
<i>Claudia Ligocki Pinto Candemil</i>	
CAPITAL DO NADA	37
<i>Luiz Francisco Mazo Martins</i>	
ARARANGUÁ, MINHA CIDADE NATAL.....	40
<i>Zulma Neves de Amorim Borges</i>	

ITAPIRUBÁ: PRAIA E AMBIENTE RURAL EM UM SÓ LUGAR.....	45
<i>Joelson Porto Fernandes</i>	
A GENUIDADE DE MARIA TERESA	47
<i>Ana Cláudia Januário Silveira</i>	
FLORIPA É BELA, FLORIANÓPOLIS NEM TANTO.....	51
<i>Antonio Luiz Schalata Pacheco</i>	
FLORIPA	54
<i>Carlos Alberto Silva</i>	
A BELA FLORIANÓPOLIS	55
<i>Denis Dall Agnolo</i>	
RUA OU CAMINHO?	57
<i>Flávia Nazaré Fermiano</i>	
FLORIANÓPOLIS, ILHA DA MAGIA!!!	59
<i>Gilson Rodrigo de Miranda</i>	
FLORIPA ONTEM, HOJE E SEMPRE BELA.....	62
<i>Joice Regina da Costa Santana da Lapa</i>	
O OUTRO LADO DO PARAÍSO	65
<i>Maria José Nunes Pires Feijó</i>	
CONFESSO QUE NÃO VIVI	67
<i>Moises Eller</i>	
SANTA E BELA FLORIANÓPOLIS: ATÉ QUANDO?	70
<i>Salette Maria Lanzarin</i>	

A ILHA DA MAGIA, OU SERIA ILHA DE SANTA CATARINA?	72
<i>Soeli Soares de Moraes</i>	
O TRAJETO	74
<i>Vania Maria Broering</i>	
A LAGOA DE TODOS E DA CONCEIÇÃO	76
<i>Andréa Figueiredo Leão Grants</i>	
Ó RIO VERMELHO.....	78
<i>Carlos Roberto Vieira</i>	
LAGOA DA CONCEIÇÃO – A ALDEIA COBIÇADA	81
<i>Elizabeth Terezinha Gomes</i>	
CAMPECHE TEM.....	84
<i>Mirian Ghizoni Pereira Silva</i>	
CIDADE UNIVERSITÁRIA, UM MUNDO INTEIRO	86
<i>Roberta Moraes de Bem</i>	
PÓS-FÁCIO.....	88
SOBRE OS AUTORES.....	90

APRESENTAÇÃO

Este *E-Book* foi produzido pela turma 01/2011 do curso de Leitura Crítica e Produção Textual oferecido pelo Programa de Capacitação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por intermédio da Divisão de Capacitação e Afastamento para Formação, do Departamento de Desenvolvimento de Potencialização de Pessoas, da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social (DCAF/DDPP/PRDHS/UFSC), entre aulas presenciais e virtuais, oportunizando exercitar o servidor da UFSC na leitura crítica e na produção escrita de diversos gêneros discursivos. Partiu-se do pressuposto de que a comunicação oral e escrita, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal, faz parte do dia a dia de todos e, por isso, é importantíssima, pois é por meio dessa competência que conseguimos nos comunicar, fazer negócios, trabalhar, viver... e conviver.

Cronicar é um livro que foi escrito num momento em que o conceito de capacitação na UFSC começa a ser reengendrado, o espaço *desterritorializado*, o tempo flexibilizado, e o servidor um sujeito autoconfiante, autorreflexivo e atuante, que perpassa por um nível de reflexão conceitual no qual lhe é permitido criatividade, liberdade, reinvenção.

Portanto, de um lado, este livro pode ser considerado um libelo contra as quimeras preconcebidas acerca do servidor

público – aquele que só faz o operacional, mas, de outro lado, poderá ser uma fonte de referência do tudo que esse mesmo servidor sabe criar. Do além a que pode chegar, do quão por meio da sua escritura textual pode quebrar a chara do “não sei escrever”, do quão cada letra posta com outras vai compor a alegoria da sua crônica travestida pela subjetividade *versus* o fato, podendo vir a dizer “eu posso cronicar”.

Os autores (servidores da UFSC), neste *E-Book* emblematicamente intitulado *Cronicar*, consolidam uma experiência de escrita do gênero crônica posto além da *performance* de um cronista de veia crônica e além da força dos fatos reais em evidência. Os fatos foram capturados por meio de lembranças magnéticas ou desapontos abomináveis de suas cidades ou bairros preferidos e metaforizados com a fugacidade do morder e do assoprar.

Cerca de vinte e sete crônicas compõem os acordes de uma sinfonia textual que foge das veredas formais, quebra a senda do *déjà vu*, põe à prova estilos e linguagens: uma sinfonia que sinfoniza o canto *ufsquiano*.

Eu cronico, tu cronicas, nós cronicamos!

Cronicar agora é verbo na Cidade Universitária. A Cidade Universitária compreende o mundo inteiro. O mundo dos servidores, que servem pratos quentes, cardápio variado – os textos desta coletânea.

Aqui a fé se renova em Fátima e na Virgem Maria. Aqui se sabe o que Gramado e Veneza têm em comum. O mistério de seus traços europeus. O sabor do inusitado, do novo e do antigo em harmonia. O olhar curioso em busca de magia. As pedras de Canela e os vidros de Murano.

Aqui um cronista negro do século XXI canta a Nigéria de Osogbo, do Rio Osun, onde mora o peixe que protegeu a filha de Oba. Outro passeia pela História com olhar calibrado no século XX e [re]descobre o Rio de Janeiro da Cara de Cão, do Pão de Açúcar da Colombo, da Lapa e de Santa Tereza. As teclas ligam a antiga Capital do Brasil à atual Capital do Nada, berço do adubo orgânico e de um cronista de marca maior. Também aludem a Capital da Paz - Ponche Verde – Don Ansuateguy- Farrapos, carnaval e alforria.

Partindo do sul chega-se a Araranguá e a sua padroeira Nossa Senhora Mãe dos Homens, seu rio, penhascos e dunas e uma BR-101 que leva e traz sonhos e deixa fluir gente de toda parte do continente. Sim, as distâncias e o tempo são relativos. Também é fato que o trajeto entre nossa casa e o trabalho pode levar horas, pode levar segundos, pode ser de contemplação ou de infortúnio, se ficarmos presos no trânsito da cidade, se ficarmos com o olhar solto de quem sonha.

A escapada de final de semana. O equilíbrio entre o corpo e a alma na pedra que rola para a água – água límpida paradisíaca – Itapirubá. Celebra-se também o amor por sua rua, trajeto,

passeio, caminho, estrada que levava a todos os caminhos: um sulco no tempo – do trilho no mato ao concreto sextavado.

De sonho em sonho chega-se à Ilha da magia. Ela é também do Desterro, de Santa Catarina, do Hercílio Luz, da ponte vizinha superfaturada – à noite acendida a tocha da luz olímpica da vergonha - Florianópolis – Barcelona, cheiro de esgoto, cheiro de enganação das próximas reformas. Os 200 mil veículos indo e voltando – as 400 mil pessoas viajando, do pesadelo ao sonho, cotidianamente.

Uma promessa de feli[z]cidade: o mar perto da cidade. O forasteiro chega de transatlântico na ex-santa e bela ilha, ávido por beleza, natureza, a cereja do bolo da civilização - Ó lhó lhó.

Da Santíssima Trindade de Trás do Morro a lembrança do que não se viveu, mas vem aos sentidos pelas pistas deixadas na ambiência. A dúvida entre o sul e o centro: entre a ilha Meiembipe e a terra Anhanguera – a família e o familiar.

A declaração da floripana da gema – manezinha orgulhosa de sua pólis-paraíso. Paraíso? “A cidade depende do mar para tudo”. Seus campos de pêche – sua Campeche.

Sua Lagoa. O refúgio da montanha, a aldeia açoriana cobiçada. A lagoa que é de todos e da Conceição, linda porque come peixe frito com farinha, dorme ainda o sono da beleza e acorda ao som da passarada - sanhaçu, aracuã, canarinho, rolinha.

Cronicar agora é verbo na Cidade Universitária.

Boa leitura a todos!

Elizabete Gomes e Marcos Baltar

OSOGBO, ENTRE A RELIGIÃO E A ARTE

Hilton Fernando da Silva Pinheiro

Entre muitas pessoas que percorrem o Festival da Osun, percebemos a variação de possibilidades artísticas africanas. Nesse festival temos a cultuação do Orisa Osun. A partir desse encontro, são expostas várias manifestações artísticas e religiosas ou talvez artístico-religiosas, pois esses dois aspectos estão muito presentes, dialogando no cotidiano de Osogbo. As pessoas marcham em direção ao poderoso rio Osun, rio este que tem o peixe que protegeu a filha do Oba (rei para os europeus) no começo da povoação da cidade.

Todo esse cenário é visto na cidade de Osogbo, que fica no estado de Osun, na Nigéria, no continente africano. É a capital desse estado, com os seus 1.369 habitantes, é pequena demograficamente, mas não perde a importância por esses dados, ela é uma das cidades mais excitantes da Nigéria. É tranquila em comparação a outras da região, mas nela encontram-se importantes lugares sagrados, e é onde muitos dos melhores artistas do país têm seu refúgio.

Osogbo tem nos seus ares uma apresentação artística evidente em suas feiras, comércio e sociabilidade. Existem na cidade numerosas galerias de arte, nas quais se podem contemplar e adquirir excelentes pinturas e talhas em madeira.

As principais galerias são o Centro Cooperativo Nike, o Movimento Artístico de Osogbo e a Galeria de Arte.

Num espaço paisagístico temos uma impressão contrária ao comércio citado. Indo no Templo de Osun, observamos arquiteturas naturalistas que evidenciam uma apresentação intimista para os mais conservadores cristãos. Esse Bosque Sagrado é a principal atração de Osogbo, o qual cobre uma extensa área. Nele encontra-se o assombroso, para alguns, Santuário de Osun, no qual, anualmente, no mês de agosto, fazem-se as oferendas ao Grande Peixe, que só os iluminados chegam a ver.

Nas ruas de chão batido, no processo de mercantilização de sua religiosidade e de sua arte, no contraste de prédios de arquitetura africana, europeia, que foram impostas pelos colonizadores europeus, ou na presença da arquitetura mulçumana e da cultura yorúba, principal etnia da Nigéria, é presente este estado de espírito da corporeidade africana e da religiosidade, algo presente com mais visibilidade no Festival da Osun.

VENEZA

Janaina Santos de Macedo

Talvez a melhor palavra para descrever Veneza seja mágica. Lá o tempo corre de uma maneira diferente e a luminosidade é outra, singular. Quando desci da estação de trem e olhei a cidade pela primeira vez tive um encantamento. Estavam em pleno Carnaval, e todas as pessoas, incluindo os turistas, pareciam envolvidos por aquela beleza encantadora e silenciosa. As luzes rosadas do céu contrastavam com o branco das pontes e com o colorido das fantasias e máscaras. Lá as pessoas adquirem um ar de mistério, envoltas em plumas e rendas, papel machê e capas.

Não há carros em Veneza, e as ruas, algumas vezes, têm a largura de uma pessoa. Não sei se possuem nomes, mas o certo é que formam um verdadeiro labirinto, e eu acho que é praticamente impossível ir duas vezes a um mesmo lugar. As lojas são espaços coloridos e encantados, vendendo sonhos e caixinhas musicais. Todos voltam a ser crianças.

A cidade tem um problema sério com o lixo, e você dificilmente encontrará um comerciante que lhe deixe depositar seu lixo na lixeira dele. Cada um é responsável por cuidar do que produz, e isso inclui levar o lixo consigo. Os comerciantes fazem esse trabalho através dos barcos, todos os dias. Isso nos faz

pensar sobre o excesso de material que descartamos todos os dias.

Os táxis em Veneza andam na água, assim como os ônibus e tudo o mais. As escadas dos prédios ficam na beira do canal, e é possível descer do barco e entrar em um belo museu do século XVI, ou em um espaço de arte contemporânea com a fachada que mais parece uma pintura. Há carrosséis com cavalinhos e música por diversas ruas. Há *boutiques* famosas e lindas vitrines. Há bandas com instrumentos medievais tocando música medieval, o que para eles é música de Carnaval.

Os habitantes da cidade distinguem-se dos turistas pelo silêncio. Seu Carnaval é tão silencioso quanto belo. Mulheres e homens vestem-se lindamente e ficam estáticos em uma bela pose, como manequins vivos, deixando-se fotografar. Eles também são Veneza e assim querem ser lembrados.

Em Veneza fiquei quase o tempo inteiro de máscara, e a grande dificuldade encontrada foi deixar aquele lugar e voltar para a vida normal. À noite, milhares de estrelas invadem a praça lotada de gente, iluminada por lindos postes e pelas luminárias das gôndolas. A ponte dos suspiros, que era o adeus dos prisioneiros, e um guarda de trânsito para controlar o fluxo de pedestres são imagens únicas dessa cidade italiana, com seus contrastes inusitados. As portas das casas dão para a rua e são tão misteriosas quanto as pessoas que nelas habitam. Veneza encantada. Linda e iluminada.

SIMPLESMENTE FÁTIMA

Mirna Cassettari Saily

Ligo a televisão, leio os jornais na internet e percebo que o querido Papa João Paulo II ainda é notícia em 2011. Seu corpo na Basílica de São Pedro e a rápida intenção da Igreja Católica em santificá-lo dão audiência. Imediatamente meu pensamento vai até Fátima, em Portugal. O Papa era muito devoto de Nossa Senhora de Fátima e acreditava que foi salvo da tentativa de assassinato, em 1981, por intervenção Dela. Quem duvida? Eu duvidava...

Mas o destino é curioso. Sem querer acabei indo para Fátima em 2006. Hotel simples, gente simples, bacalhau simples e gostoso... Vejo pessoas de diversos países chegando a pé, cansadas e determinadas. Por isso, a energia das ruas é a da fé, alimentada pelas visões de três crianças simples, Lúcia, Francisco e Jacinta. Como explicar os atos de inúmeros peregrinos que vão a essa cidadezinha todos os anos? À noite, saio do hotel, vou ao santuário e observo sua estrutura simples. Percebo que a igreja precisa de reparos. Peregrinos fazem suas preces, pedidos e agradecimentos. De repente, todos saem da igreja. Escuto ao longe vozes em oração. É a procissão das velas que ilumina e se estende por todo o local. A imagem da Virgem Maria é retirada de uma capelinha simples e vai para perto dos devotos. Mesmo sem

vela nas mãos e agora sem dúvidas quero fazer parte desse encontro.

Ligo a televisão, leio os jornais na internet e percebo que o querido Papa João Paulo II ainda é notícia em 2011. Cerca de 200.000 fiéis vão até Fátima, em Portugal, participar de uma missa para homenageá-lo. Imediatamente meu pensamento não duvida da fé.

GOIÂNIA *VERSUS* FLORIANÓPOLIS: UMA ESCOLHA DIFÍCIL

Marlene Medeiros da Luz

Nasci numa pequena cidade do interior goiano da qual só sei o nome. Embora Goiânia não seja minha cidade natal, adotei-a por razões emotivas. Ali passei minha infância e adolescência, quando se forma nossa identidade. Deixei-a, aos dezenove anos, para vir estudar em Florianópolis, terra natal dos meus pais e onde moro até hoje. E da qual também tenho boas recordações da infância, quando em visitas aos meus avós.

Nestes anos em que moro aqui, nunca deixei de ir lá. Vou no mínimo uma vez ao ano. Tenho lá meus pais e irmãos. Daí minha duplicidade de afeto a ambas as cidades. Não poderão nunca me chamar de bairrista. Amo-as igualmente, ainda que sejam muitas as diferenças entre elas.

Goiânia é uma cidade jovem ainda, completará setenta e oito anos em 24 de outubro próximo (2011). Inserida no coração do Brasil, no clima seco do cerrado, as estações não sofrem uma grande variação de temperatura, sendo a chuva o estabelecedor de divisas. A estação das chuvas vai de outubro a março e estação da seca vai de abril a setembro, numa previsão certa que nenhum meteorologista consegue errar. Ela foi planejada para ser o polo político de Goiás. Seu plano piloto foi arquitetado, sendo suas ruas e avenidas largas, e algumas delas cortam a

cidade de um ponto a outro. Lá prevalece a objetividade, as ruas seguem uma numeração cronológica, não tem a magia nem aguça a curiosidade daquelas que utilizam adjetivos ou nome de alguma personalidade para nomeá-las. Raras avenidas prestigiam alguém, mas tem a vantagem de ser quase impossível de se perder nela.

Cidade muito arborizada e com muitas praças, como a do Relógio, que tem um lindo relógio feito em flores e que está sujeito a intempéries e, ainda assim, marca as horas com precisão não britânica, mas que não deixa ninguém que se guie por ele atrasar-se. Na Praça Cívica, ao centro dos prédios administrativos, temos um belo monumento em granito com três fortes homens segurando uma enorme pilastra, homenageando as três raças que ergueram a cidade: o negro, o índio e o branco. Próximo, no cruzamento da Avenida Anhanguera com a Avenida Goiás, está a Praça do Bandeirante, oficialmente denominada de Praça Atílio Correia Lima, construída em homenagem ao arquiteto que projetou Goiânia. Ali está à estátua de Bartolomeu Bueno da Silva, o Bandeirante com sua bateia, numa homenagem do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito de São Paulo aos goianos. A mais popular de todas é a da Estação Ferroviária, cujo prédio em *art déco*, arquitetura predominante na época de sua construção, tem um enorme relógio no seu topo. Ele está estagnado, como a não querer presenciar o avançar do tempo ou

se deixar regular por ele. Essa praça abriga uma das maiores e mais antigas feiras abertas da cidade.

Existe uma contradição com essa feira. Conhecida como Feira *Hippie*, hoje ela vende todo tipo de bugiganga, legais e ilegais. Muitos produtos vindos do Paraguai como: brinquedos, moda íntima, bolsas, tênis, etc. Roupas da industrial têxtil goiana, sapatos, filhotes de animais, comida típica, algumas telas de artistas de lá, alguns móveis rústicos, brincos artesanais. Esses últimos são o que justificam seu nome de Feira *Hippie* remetendo ao seu início quando tudo era confeccionado manualmente, até os sapatos e bolsas em couro. Com certeza há também um grande comércio de drogas ilegais. Mas as autoridades nada fazem.

Ainda temos a Praça Santos Dumont, conhecida como Praça do Avião, cuja réplica de um avião faz referência lógica ao seu inventor, e mais algumas dezenas de outras praças.

Goiânia conta ainda com belos lagos artificiais e parques, como o lago que fica na entrada do zoológico, onde fui, com meus pais, diversas vezes quando criança. Foi minha inserção na descoberta do reino animal. Nos dias atuais, com a preocupação de oferecer qualidade de vida e minimizar os problemas climáticos da baixa umidade, multiplicaram-se os lagos. Por ser uma cidade planejada, isso é possível.

É uma cidade que vem crescendo em ritmo galopante, passando de um milhão e trezentos mil habitantes. Sua economia cresce, e podemos destacar: o comércio varejista, as indústrias

de alimentos, de roupas e de serviços. Mas a diferença social e econômica é grande entre sua gente, cujo abandono e vícios acabam acarretando violência. Mas, apesar de todas essas mazelas, em geral sua gente é de alma boa. São solidários com os vizinhos, simples, sem ostentação, um jeito de caipira, de fala mansa, olhar tímido, humilde, e às vezes deixam esconder por trás da aparência um poderoso fazendeiro, ou alguém importante na política, artes, etc.

Sua culinária típica traz sabores inusitados. Há uma variedade de pratos típicos com o pequi, fruto típico do cerrado, caroços carnudos e cheios de espinho por dentro. Quando cozido com arroz ou frango confere a estes uma cor amarela e um sabor inconfundível. Há inúmeros outros pratos, cuja procedência é muitas vezes atribuída aos mineiros, como: pão de queijo, pamonha, tutu à mineira, quiabada, frutos cristalizados, etc. Verdade é que sofremos muita influência de nossos vizinhos.

Enfim, esta é uma cidade que por ser idealizada tornou-se previsível, com exceção de sua gente, que muitas vezes é mais do que podemos dar por elas.

Já Florianópolis aproxima-se do seu terceiro centenário. Foi fundada em 23 de março de 1726. Os tapajós e os tupis-guaranis eram a população original. A Ilha de Santa Catarina era conhecida como *Meiembipe* (montanha ao longo do mar) pelos índios. Mais tarde o bandeirante Francisco Dias Velho, junto com sua família e agregados, deu início ao povoamento da ilha de

Nossa Senhora do Desterro. A vinda de Dias Velho intensificou o fluxo de paulistas e vicentistas, que ocuparam vários outros pontos do litoral. Em 1726, Nossa Senhora do Desterro foi elevada à categoria de vila. Nesse século foi expressiva a imigração de açorianos para cá. Só no século XIX, em 1823, Desterro foi elevada à categoria de cidade e tornou-se capital da Província de Santa Catarina. Mas Floriano Peixoto, vice-presidente de Deodoro da Fonseca, que renunciou à presidência em 1891 por influência da Revolta Armada, cancelou as eleições, contrariando o prescrito na Constituição promulgada naquele mesmo ano. Então surgiu um movimento de insurreição, quando seus líderes foram presos e fuzilados. A cidade ficou ao sabor dos aliados da presidência, que mudaram o nome de Desterro para Florianópolis, em homenagem ao presidente. Já tentaram mudar o nome, mas isso gera polêmica até hoje. Num decorrer breve sobre sua formação, encontramos muitas diferenças entre a formação das duas cidades.

Florianópolis traz muitas diferenças com relação a Goiânia, a começar pelo seu rico passado histórico e localização geográfica. Esta bela ilha é banhada pelo oceano Atlântico que lhe confere uma beleza deslumbrante, em que se formam mais de 40 praias, cada uma mais bela que a outra. Contudo, prefiro às do norte, suas águas são mais calmas e mais quentes. Seu clima ameno com chuvas bem distribuídas durante todo o ano é um contraste com o clima de Goiânia.

Por ser uma cidade muito mais antiga, a diferença também está na sua arquitetura. Originalmente suas ruas estreitas eram de paralelepípedos, e as casas, coladas umas às outras, influência da arquitetura vigente em Portugal na época. Por sofrer influências de diversos estilos na arquitetura, temos vários exemplos delas, como o Palácio do Governo, hoje Palácio Cruz e Souza, que fica em frente à Praça XV e transformado em museu. É um importante exemplar da arquitetura eclética do final do século XIX, caracterizando-se por uma conciliação de estilos anteriores, principalmente o Neoclássico e o Barroco.

Em torno da Praça XV, que tem um belíssimo exemplar de uma figueira centenária, temos outros casarios no mesmo estilo, e a nossa bela Catedral Metropolitana com sua escadaria enorme voltada para o continente. Cá, também, temos uma das mais belas e raras pontes pênséis do mundo. A Ponte Hercílio Luz, em homenagem ao governador responsável por sua construção e que era irmão de meu bisavô. É o maior cartão-postal da cidade, mesmo intrafegável e em eterna reforma.

Os matutos, como é conhecida a gente simples nascida aqui, são trabalhadores, mas desconfiados e de fala rápida. “Óióióió...”, expressão típica dessa gente. Já a elite tem uma imponência que lhes confere um ar aristocrático, talvez pelo seu passado europeu. É muito reservada. Mantém uma formalidade, mesmo entre pessoas próximas. Costuma-se ligar antes de visitá-las, o que estranhei no início, pois de onde vim não era

necessária essa formalidade nem com os amigos mais distantes. Você estava sempre preparado para uma visita, a hora que fosse. Atualmente, tenho observado que esses modos estão se tornando hábito por lá também. Há vantagens nisso, quando o tempo é cada vez mais cronometrado e uma visita inesperada pode ser um estorvo. Porém, não creio que uma pessoa próxima nos tire a liberdade. Pode ser apenas hábito.

Não absorvi todos os costumes alimentares daqui, como: o pirão d'água, a banana com café, os moluscos. Porém, não me vejo sem comer um bom camarão, uma bela moqueca de garoupa ou uma bela tainha assada com ovas.

Aqui tivemos um negro de nome Cruz e Souza como expressão máxima na poesia catarinense. Lá uma mulher simples de nome Cora Coralina foi o ícone da poesia goiana. Talvez alguma semelhança nesse fato.

A ilha é, atualmente, uma bela cidade, com recantos deslumbrantes e com uma qualidade de vida invejável. Com um pouco mais de 400 mil habitantes, sua economia é alicerçada principalmente no setor da tecnologia. Outros setores importantes são o comércio, o turismo e a construção civil. Isto tudo, aliado à sua beleza e posição estratégica, tem atraído uma diversidade de gente e de culturas diferentes que a estão tornando cosmopolita.

Talvez estejam a perguntar o porquê desta exposição das duas cidades. Talvez para buscar uma resposta para mim mesma.

Está próxima minha aposentadoria, e como não criei raízes aqui, como se diz quando não se forma família, tenho cogitado a possibilidade de retorno à terra natal. Encontro-me entre a cruz e a espada. Qualquer decisão que tome, de retornar ou não, deixará uma enorme lacuna. Sei que poderia tentar por algum tempo passar uma temporada lá e outra cá, mas a prudência é boa conselheira da velhice. Tenho algum tempo ainda para fazer tal escolha. Enquanto isso, ficarei na esperança de que o coração aponte-me a direção certa. Com certeza Nietzsche, Freud e o psicoterapeuta contemporâneo Flávio Gikovate encontrariam uma razão lógica, que poderia nortear minha escolha. Mas, diferentemente de outras escolhas, nesse caso, prefiro a emoção à lógica.

RIO DE JANEIRO: O VELHO NÃO SERVIA?

Otávio Rechsteiner Maghelly

Ontem acordei sobressaltado. Geralmente não me recordo dos meus sonhos, ainda mais dos meus pesadelos, mas esse era muito nítido na minha memória e me fez suar frio. Vi-me obrigado a não tomar o meu chimarrão, rotina diária aprendida com meu avô e herança da minha metade gaúcha, e ir logo ao centro da cidade. Cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado, antiga capital federal, antiga capital da Colônia, cidade grande onde nasci e quando cresci quis deixar.

O mais lógico seria ir de metrô, essa maravilha moderna que não pega trânsito, atravessando o fundo da terra a centenas de quilômetros por hora. Mas não, eu não veria nada do que queria. Enxergaria apenas as paredes escuras e sujas dos túneis. Decidi ir de ônibus. Procurei uma janela, enquanto tentava me acalmar.

No caminho, ansioso para chegar, consegui enfim respirar mais calmo, quando o ônibus chegou ao aterro, e vi os morros imponentes do Pão de Açúcar e Cara de Cão, rochas sólidas do período pré-cambriano. Estas o homem, ou melhor, a humanidade, não conseguiria destruir. Mas da tranquilidade das pedras passei para a indignação. A água preta da baía, esgoto e lixo por todo o resto. Fiz um esforço para tentar imaginar a baía

em janeiro de 1502, quando a expedição portuguesa comandada por Gaspar de Lemos adentrou seus domínios. Águas límpidas, baleias, milhares de pássaros, restingas e lagoas e uma densa mata tropical.

Não esperei o ônibus chegar ao centro. Desci antes, ainda na praça XV. Queria passar pela Ladeira da Misericórdia, antiga subida do Morro do Castelo, local escolhido por Mem de Sá em 1567 para abrigar a Câmara, a cadeia, armazéns e igrejas, pela maior possibilidade de defesa do núcleo português contra franceses e índios tamoios. Vi apenas vestígios do antigo calçamento, sem nenhum cuidado e manutenção... Respirei fundo e continuei a minha caminhada. Da praça XV, fui à Rua do Ouvidor, primeira tentativa de traçado regular de ruas largas (para a época), retilíneas, e compondo uma trama enxadrezada, ainda no século XVII, reflexo das ideias da Renascença. Da Rua do Ouvidor, menos deteriorada, fui verificar as igrejas e conventos das ordens religiosas, os mais notáveis e suntuosos conjuntos arquitetônicos da época. Que alívio ao ver o Convento e Igreja de São Bento, bem cuidados e preservados. O conjunto das carmelitas na própria praça XV e dos franciscanos no morro de Santo Antônio, um pouco menos conservados, mas ainda de pé, baluartes da nossa história. Com uma pontada no peito, olho para o topo do Morro do Castelo, onde estaria o conjunto dos jesuítas – igreja, convento e colégio – e me certifico de que nossos antepassados, já no século XX, não satisfeitos em destruir

somente as construções, decidiram voluntariamente destruir também o morro.

Olho no entorno e vejo apenas construções religiosas ou militares. E as construções civis? Dessa arquitetura não foi deixado vestígio. As primeiras construções civis preservadas datam já do século XVIII.

Chegando ao Paço Municipal, novamente me acalmo. Foi realmente um pesadelo... Consigo ouvir agora o barulho das máquinas e guindastes nítidos no sonho, derrubando as construções históricas em prol do “progresso”. Outro núcleo bem cuidado e conservado, se bem que espremido entre arranha-céus, prédios de vidro e muita sujeira e pobreza.

Penso em tudo que foi destruído e nas causas e motivações dessa destruição. Não tivemos guerras, as bombas foram detonadas por nós mesmos e nossos representantes políticos. Possivelmente, parte das construções civis não resistiria mesmo, pelas limitações materiais e financeiras impostas a uma colônia explorada. Contudo, nossos antepassados tiveram trabalho para demolir algumas construções que manteriam a nossa história mais viva, mais presente.

Penso finalmente se tenho culpa nisso tudo. Eu, Otávio, nascido no século XX. Ou será que a minha culpa é somente gostar de passado e história?

DOM PEDRITO – CAPITAL DA PAZ

Carmem Vera Gonçalves Vieira Ramos

Cidade conhecida como a “Capital da Paz”, é uma comunidade histórica, situada na fronteira com o Uruguai, na Região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul. Os primeiros habitantes eram os índios pampeanos que chamavam o local de iñuvoti – “campo das flores”.

Por volta de 1800 começa seu povoamento por um grupo de espanhóis desertores do Exército do Vice-Reino do Prata, liderados por um espanhol chamado Don Pedro Ansuateguy, de cognome Dom Pedrito. Pela posição estratégica, esse local mais tarde passa a ser um “posto de contrabando”, principalmente de fumo do Brasil por produtos europeus. Nessa época, essas terras eram dominadas por espanhóis, passando à Coroa Portuguesa em 1801.

A ocupação tem início nas margens do Rio Santa Maria, que banha a cidade, e com o desenvolvimento do comércio inicia a povoação.

Essa região foi palco de lutas definidoras da fronteira do sul, entre espanhóis e luso-brasileiros, sofrendo, portanto, os efeitos da Campanha do Prata e da Revolução Farroupilha. A Guerra dos Farrapos, que teve início em 1835, só terminou em 1845. A partir daí inicia-se uma fase de progresso na região.

A princípio esse local era chamado de Passo de Dom Pedrito, mais tarde transformou-se em Freguesia de Nossa Senhora do Patrocínio de Dom Pedrito, e com o desenvolvimento do comércio é elevado à vila, pertencendo ao distrito de Bagé. Em decorrência, aconteceu a emancipação tanto por esse desenvolvimento quanto ao fato de que foi um dos primeiros locais a abolir a escravatura antes da Lei Áurea. Nesse momento recebe o nome oficial de Dom Pedrito.

O cognome Capital da Paz deve-se ao fato de que foi na localidade de Ponche Verde que ocorreu o Tratado de Paz da Revolução Farroupilha.

Hoje, na área central do município, fica a Praça General Osório, onde foi construído um reservatório "Caixa D'Água", na qual, depois de desativada, funcionou por muitos anos a Biblioteca Pública, e atualmente é ocupada pela Assessoria de Tradição, Folclore, Turismo e Lazer.

Ao redor da praça estão localizados a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, a Prefeitura Municipal, o Fórum, bem como a maioria do comércio.

Grande papel social e econômico teve o Rio Santa Maria, que possibilitou o desenvolvimento econômico, tendo em vista que a principal atividade é a agropecuária. Hoje a atividade predominante é a indústria de beneficiamento do arroz.

Apesar de ser um dos locais onde primeiro foi abolida a escravatura, os resquícios da escravidão perduraram por muitos

anos. Prova concreta era a existência de três clubes sociais: Country Clube – dos brancos ricos, Comercial – dos brancos remediados e pobres, e o Clube Recreativo e Cultural Rio-Grandense – dos negros. Até meados dos anos 70 os negros não podiam ser sócios dos clubes dos brancos, e nem frequentá-los, exceção apenas no Carnaval, quando as rainhas dos clubes e seus respectivos presidentes “visitavam-se”. Os clubes ainda existem, mas hoje, desde que tenha condições financeiras de bancar os custos, “qualquer pessoa” pode frequentá-los.

Apesar de ser um município gaúcho de fronteira, tinha e continua tendo um dos melhores carnavais da região, com duas escolas de samba, Os Vaga-Lumes do Luar e Os Orixás, além do Carnaval de clubes com suas rainhas e cortes que, junto com as escolas de samba, desfilavam ao redor da praça.

Ai que saudades dos ensaios dos Vaga-Lumes que aconteciam na casa de minha avó, das noites em claro bordando fantasias. E no último dia de folia, o encontro na praça das bandas que tocaram nos clubes, que começava no amanhecer da Quarta-Feira de Cinzas e se estendia até o sol estar alto. Fatos que ficam na memória e saudades nos corações de muitos... “Quanto riso, oh, quanta alegria...”. E o pão da Saraiva! Padaria mais antiga da cidade, sabor inesquecível.

Lembro também da Sexta-Feira Santa, quando era hábito as pessoas caminharem uns dez quilômetros até a “Serrinha”, um pequeno monte (ponto mais alto da cidade), para colherem

“marcela”, erva para chá e travesseiros. Lá passávamos o dia inteiro brincando, alguns namorando, outros rezando.

Cidade de origem católica, mas também da Umbanda, do Candomblé, do Preto Velho e da Iracema, resultado da miscigenação entre índios, negros, espanhóis e portugueses. Cidade de muitos casos de fantasmas. Meu avô contava que quando andava de carroça perto da “ponte” – era uma ponte que ligava a área urbana à rural, por onde passava o Rio Santa Maria – uma mulher o puxava pelo nariz levando-o em direção ao rio.

Se você for a Dom Pedrito não pode deixar de visitar o *Chiquilim Beach*, ou seja, o Balneário Passo Real. Lembro dos meus tempos de infância quando as famílias se encontravam no local, das paqueras e da farofada. Infelizmente hoje está muito diferente daqueles tempos, o Rio Santa Maria está muito poluído devido aos agrotóxicos usados nas plantações e sofreu muitos açoreamentos.

Também deve visitar as terras do Ponche Verde, onde fica o Obelisco da Paz, marco da Revolução Farroupilha, lugar de muito orgulho dos pedritenses.

A noite a diversão é andar no “Barão”, Rua Barão do Upacarái, de carro ou caminhando, parar em algum lugar para comer, beber ou simplesmente conversar. É o ponto de encontro da cidade. Subindo a Barão você chega na “Estação Velha”, antiga estação ferroviária que ligava os municípios dos pampas, o principal meio de escoamento da produção agrícola.

Infelizmente Dom Pedrito, com o declínio da agropecuária, principal fonte econômica, aumentou muito a área urbana, mas também os bolsões de pobreza.

GRAMADO: UMA VIAGEM INESQUECÍVEL

Claudia Ligocki Pinto Candemil

Parecendo com uma cidade europeia, a cidade de Gramado – Rio Grande do Sul, prima por suas paisagens pitorescas e seus cenários encantadores.

Andando no centro da cidade, passeando pela famosa Avenida Borges de Medeiros, encontramos várias lojas de diferentes produtos, convidando-nos para o maravilhoso mundo das compras.

Na também conhecida Avenida das Hortências, passeando de carro, avistamos restaurantes, onde podemos nos deliciar com a maravilhosa gastronomia da cidade, incluindo aqui, principalmente, sopas, *fondues* e uma variedade de lugares para tomarmos um café colonial.

Continuando nossa excursão, encontramos muitos pontos turísticos para visitarmos: Casa do Papai Noel, Mundo a Vapor, Lago Negro, Mini Mundo, Cascata do Caracol, com muita diversão e lazer, principalmente para o público infantil.

Com uma temperatura principalmente de inverno, as pessoas costumam andar pela cidade sempre de cachecol e luva, e os ambientes internos são sempre climatizados com lareiras e aquecedores.

Nas datas festivas, como Páscoa e Natal, a cidade se veste, literalmente, para os eventos, sendo construídas lindas decorações pelas ruas. No Natal, ainda, somos presenteados pelo desfile de alegorias com tema natalino, mostrando todos os anos uma coreografia diferente.

Enfim, se pudermos dar um pulo em Gramado, teremos, na certa, muito entretenimento e alegria para nos lembramos no resto dos dias do ano.

CAPITAL DO NADA

Luiz Francisco Mazo Martins

Vila do Sabão, Vila Rica e hoje Júlio de Castilhos, nome do seu filho mais ilustre, e terra onde nasci.

Tenho dois grandes recalques em relação à minha terra natal, um é que me esforcei e não consegui ser o filho mais ilustre, e outro porque Júlio de Castilhos é capital do nada.

Seu filho mais ilustre foi um grande ditador positivista que morreu de crupe. Na hora da sua morte, foi atendido pelo médico Fernando Abbott, seu grande inimigo político. Abbott, generoso, disse-lhe palavras de conforto. “Coragem! Júlio,” e Júlio moribundo respondeu: “Coragem eu tenho, o que me falta é o ar...”

Trocando do saco pra mala, eu sempre gostei das cidades que têm o título de capital de alguma coisa, por exemplo: Cacequi, capital da melancia. Até fazem uma brincadeira com os barrigudos com relação a isso. As pessoas “cutucam” as “nossas” barrigas e falam “compraste esta camisa em Cacequi, hein? Já vem com uma melancia!” Detesto isso. Sobradinho: capital do fumo em corda. Tinha um adesivo nos carros dos bichos grilos de Sobradinho, na década de 70, que dizia: Sobradinho que fuminho. Tinha um bonequinho do Bob Marley com um palheiro nos queixos. Passo Fundo: capital do trigo e do Teixeira.

Caxias do Sul, da uva. Taquari, da laranja. Pelotas, do doce, que poderia ser de outra coisa injustamente conhecida em todo o Brasil. Santa Maria: cidade cultura, que lindo! Não tem nem cinema e atrai milhões de pessoas para a procissão da Mãe Medianeira. Será que Mãe Medianeira é cultura?

Pois é! Vejam! A minha cidade natal já teve o maior plantel de gado charolês do mundo, mais do que a própria França. Hoje não tem mais. Mas a quantidade de cabeça de gado mestiço triplicou. Devido ao remanejamento e pastagens. Hoje se criam mais bois por hectares. Sendo assim, eu acho que poderia ser a capital do adubo orgânico, e eu teria resolvido pelo menos uns dos meus grandes recalques da vida.

Não ser o filho mais ilustre como o meu conterrâneo continuará para sempre sendo o maior e sem acesso em minha psique (recalque na psicologia). E também, não tenho a mínima aptidão para ser um ditador, quanto mais um positivista malvado.

Enquanto todas as capitais de alguma coisa fazem festas uma vez ao ano para se engrandecerem perante esses títulos (Cachoeira, FENARROZ, arroz pra todo o lado, Caxias do Sul, Festa da Uva, suco de uva, vinho saindo pelas torneiras e assim por diante), Júlio de Castilhos faria a sua grande festa do adubo orgânico. Adubo orgânico por todos os lados, guerra de adubo orgânico, suco de adubo orgânico, doce de adubo orgânico, bolo de adubo orgânico. Lindo, né? Ou não? Acho que me empolguei, esqueçam isto.

Tomara Deus que Júlio de Castilhos não esteja, para sempre, fadada a ser a capital do nada!

ARARANGUÁ, MINHA CIDADE NATAL

Zulma Neves de Amorim Borges

Quem não conhece Araranguá, há de conhecê-la um dia. Você já ouviu falar de uma Nossa Senhora que é mãe dos Homens, assim, com H maiúsculo? É provável que você diga sim, porque a mãe de Jesus também o é de todos os homens. Mas... e o H maiúsculo? Pois Araranguá tem como padroeira Nossa Senhora Mãe dos Homens, festejada no dia 4 de maio, dia da criação do Município. Certamente você agora ficou curioso. Pois bem, quando você for a Araranguá, visite a Igreja Matriz.

Como a maioria das cidades, Araranguá tem a Igreja Matriz localizada em frente à praça. Entre na igreja, caminhe pela nave central; no altar-mor você verá a Padroeira, de capa azul, vestido branco. Detenha-se e sinta o momento.

Saindo da igreja, você está em frente à praça. Atravesse a rua e, bem no centro da praça, mais conhecida por jardim, você verá a biblioteca pública. Na minha infância e adolescência, havia o tradicional coreto, desses que você está imaginando. Aos domingos e festas, apresentavam-se bandas e outros espetáculos, especialmente escolares. Hoje o coreto não existe mais, pois, com o tempo, tornou-se ponto de viciados de drogas e pouso para moradores de rua. O prefeito, então, considerou por bem, pasmem, demolir o coreto. Já adulta, visitando a cidade,

lembrei-me do velho coreto da infância e fui visitá-lo. Restava apenas a foto ampliada na entrada da biblioteca. Dia triste.

Araranguá é conhecida como Cidade das Avenidas. Seu traçado apresenta largas e longas avenidas. Nota-se que foi uma cidade planejada, como algumas que existem no País. A principal Avenida é a Getúlio Vargas. Seguindo por essa rua, você chega a duas importantes praias, Arroio do Silva, atualmente emancipada, e Morro dos Conventos, com uma paisagem natural estonteante, com penhascos, dunas, e a barra do rio Araranguá. Como vê, minha terra natal também é contemplada com rio, que atravessa a BR-101 e passa pelo centro da cidade, rio largo, de águas verdes (água de mina, dizia minha mãe) e profundas, rio de muitas histórias e muitos segredos.

Como você chega a Araranguá? Pois bem, viajando na direção Norte-Sul pela BR-101, depois de atravessar a ponte, você segue à esquerda e entra na Av. Sete de Setembro, larga avenida de intensa circulação de veículos. Seguindo por ela, você encontrará a tal praça em frente à Igreja Matriz.

Após a ponte, você pode optar por seguir a rua que margeia o rio. Como todas as ruas, que, direta ou indiretamente, desembocam na praça central, esta não é exceção. Agora a praça está à sua direita. Ainda ladeando o rio, pela mesma via, você verá à esquerda a Rodoviária, e, mais adiante, à direita, o antigo Hospital Bom Pastor, durante muito tempo, o único hospital da cidade. Seguindo sempre por essa via à margem do rio, você

passará por lugares que parecem continuar como há sessenta anos, completamente desolados, sem casas nem escolas. Mato puro. De repente, surge um lugarejo, também de poucas casas, um grande gramado, parque natural de minha infância; no ponto central desse gramado, um coqueiro, o que restou de três imponentemente erguidos, sonhos da infância, testemunhas de muitos brinquedos, de colheita de amêndoas, de risos. Mais para o interior do gramado, a uns 100 metros da estrada, a igreja do lugarejo com nova construção, mas a cruz é a mesma da infância, com a inscrição “Salve sua alma” – incrível como certas lembranças permanecem. Os santos também são os mesmos: São Roque, São Sebastião, uma imagem pequena de Nossa Senhora Aparecida. À esquerda da estrada, um pouco antes, a mesma escola da infância, e, mais à frente do gramado, na direção do coqueiro, o lugar de minha casa de infância (centro cultural, onde vivi meu primeiro contato com o cinema, onde funcionava a escola do lugarejo), hoje com outra construção, tão antiga como a de meus pais. Seguindo o mesmo caminho, você encontrará uma perpendicular, via asfaltada, que, à esquerda, vai dar na praia Morro dos Conventos.

Depois de apreciar as belezas naturais de Conventos, você volta pela mesma via, ignore o caminho feito antes e siga em frente, chegando finalmente à Avenida Sete de Setembro, ou, conforme a direção que você toma numa rótula existente, você chegará ao centro da cidade, na Avenida Getúlio Vargas. Como

vê, todos os caminhos se cruzam. Em Araranguá, seja qual for o caminho escolhido, ele vai chegar ao centro da cidade.

Agora vamos imaginar que, ao atravessar a ponte, você seguiu pela Av. Sete de Setembro, chegou à praça no centro, viu a Igreja da Padroeira. Então, seguindo pela mesma via, você encontrará o campo de futebol do antigo time local, grande estádio que, durante muito tempo, proporcionou aos habitantes movimentadas tardes de domingo, quando a população acorria, não só para apreciar os jogos, mas também para passear, encontrar amigos, namorar. Lembranças, mais lembranças.

Imaginemos agora que você, após atravessar a ponte, tendo mesmo decidido a ladear o rio, segue pela via marginal, passa pela praça, vê a Rodoviária e resolve dobrar à direita. Pois esta é a Avenida Getúlio Vargas. Seguindo por ela, atravessa a Sete de Setembro, passa pelas quadras centrais, com canteiros e bancos para pedestres (comum ver amigos conversando), lojas, cafés (deliciosos sorvetes após a aula), clube (tardes de vôlei após a aula), encontra uma transversal e dobra à esquerda. Eis que, logo em seguida, à esquerda, você avistará uma escola que ocupa toda uma quadra, grande escola, antigo Grupo Escolar Castro Alves (meu ninho santo de amor – dizia o canto da Professora Marisa), atualmente Escola Básica Castro Alves, escola de minha alfabetização, de minha escola primária (gradidão a Dona Lesi, Dona Zoê, Dona Darci, Dona Nívea, Dona Nadir,

mulheres sábias) e do curso ginasial (gratidão a Dona Lúcia, Dona Diva, Dona Silvinha – como esquecer?).

Essa escola frequenta recorrentemente meus sonhos. Estou em alguma de suas salas, corro no campo de Educação Física, brinco no enorme pátio, visito as salas da direção. Você verá outras crianças, outros adolescentes, e poderá imaginar tudo isso. No imenso pátio, todos os sábados pela manhã (sim, havia aulas aos sábados) reuniam-se alunos e professores e cantávamos o Hino Nacional, (sim, cantava-se o Hino Nacional) seguido de apresentações de poesias, cantos, teatro (isso no pátio, não havia auditório), no final era cantado o Hino à Bandeira. Lembro-me de que uma vez houve um concurso de leitura, e o prêmio do primeiro lugar foi o livro do Pinóquio. Gosto de ler sua dedicatória: “Por sua aplicação oferece o Clube de Leitura ‘Júlia Lopes de Almeida’ – 16.10.1954”. Tempo de ouro.

Ao retornar, caminhe pela Avenida Getúlio Vargas. Olhe nos canteiros centrais a alegria do povo, um pouco mais adiante admire o jardim bem cuidado, siga um pouquinho mais e contemple as águas verdes do rio Araranguá, observe a intensa vegetação à margem. Volte-se e aviste ao longe o Morro Centenário, agora bastante recortado, mas que ainda conserva a cruz centenária do Município.

Com essas imagens, reencontre seu caminho e siga, levando na bagagem as boas graças da Padroeira.

ITAPIRUBÁ: PRAIA E AMBIENTE RURAL EM UM SÓ LUGAR

Joelson Porto Fernandes

Segunda-feira e lá vamos nós ao início de mais uma semana de trabalho: participação no trânsito, contas a pagar, frustrações em geral, etc., mas... conscientes da alegria que é “estar vivo”.

Para ultrapassar essas etapas citadas, naturalmente, precisamos estar sempre energizados, e cada um busca esse estado a seu modo. Tenho muita saudade de minha infância, quando o contato com a vida rural, posso assim dizer, era frequente, devido a visitas inesquecíveis a meus avós. Lá conseguia presenciar e participar de várias atividades características daquela região. Muitas árvores frutíferas, galinhas, patos, bois, cavalos, que até me aventurava a cavalgar, mesmo sem muita experiência. Enfim, a natureza quase sempre ao lado.

Com o passar dos anos, veio a adolescência, e o foco começa a ser as praias: sempre recheadas de juventude, esportes aquáticos e um clima favorável para a descontração e relaxamento. Já na fase adulta, acompanhando a globalização, trazendo junto as grandes indústrias impulsionadas principalmente pelo consumismo exagerado temos, conseqüentemente, o comprometimento destas duas fontes de energia: as praias e a vida rural.

Mas nem tudo estava perdido, ou melhor, desaparecido. Na busca interminável pelo equilíbrio do corpo e da alma para alcançar com sucesso os objetivos do dia a dia, descobri, em meados do ano de 2008, uma região onde o homem globalizado ainda não chegou, e que oferece simultaneamente os dois prazeres, pelo menos na minha opinião, a praia e o ambiente rural: o balneário de Itapirubá.

Saindo da BR-101, pela qual trafega grande parte da economia brasileira, a cerca de 100 km da capital de Santa Catarina no sentido sul, está Itapirubá, com seu visual tipicamente rural nos primeiros novecentos metros, até chegar a avistar o mar, fonte inesgotável de energia. E é exatamente nesse misto de convivência, que recupero, atualmente, com caminhadas, contato com personagens locais alegres e simpáticos, comidas saudáveis (peixes e verduras plantadas e colhidas ali mesmo), toda a energia gasta durante a rotina urbana semanal. Contudo, necessária para a sobrevivência da maioria das pessoas.

A GENUIDADE DE MARIA TERESA

Ana Cláudia Januário Silveira

Tenho uma filha de quatro anos e a considero uma espécie em extinção, sim uma espécie em extinção! Ela é uma florianopolitana purinha de pai, mãe, avós paternos e maternos.

Seu avô paterno foi um grande remador de Florianópolis – campeão mundial de remo nos anos 40, 50, 60... Tem coisa mais florianopolitana que isso?

O avô materno foi um militar da cavalaria, boêmio e tocador do boi de mamão e do pau de fita, filho de pescador do Pântano do Sul – esse é mané!

As duas avós eram donas de casa e mãe de muitos filhos, uma com dez e outra com quinze, senhoras generosas, caridosas e religiosas que, além de cuidarem de seus muitos filhos, comprometiam-se com cuidados aos filhos da vizinhança. Belas mulheres – ilhoas!

Seus pais são dois funcionários públicos – não precisa dizer mais nada!

E, ainda, é prima da dona de um dos restaurantes mais tradicionais da ilha, “O Arante”. A minha filha, a Maria Teresa, adora comer peixe frito com farinha!

Ela está em extinção, pois só tem quatro anos e frequenta a creche desde os dez meses, e nessa longa trajetória de vida

escolar, ela não teve coleguinha nascido em Florianópolis, ou com pais nascidos nesta terra de ninguém.

Vocês devem estar pensando aonde pretendo chegar discorrendo sobre a genuinidade florianopolitana de minha filha?

Quero chegar à miscelânea de povos que virou a cidade de Florianópolis: é gente de muitos lugares, e muita gente de alguns lugares específicos que trazem consigo costumes, ideias e valores diversos, os quais, certamente, podem agregar coisas muito boas aos valores e costumes da região.

Todos são muito bem-vindos, mas minha preocupação é com a preservação da identidade dos florianopolitanos, já que, pensando-se na geografia, muito foi modificada e continua sendo a cada novo megaempreendimento imobiliário que é lançado. Viva a Hantei do Guga!

Alguém já ouviu falar na praia do Toló? Pois é, até lá a especulação imobiliária chegou!

Nos anos 80, Florianópolis ganhou espaço nas principais revistas e telejornais do País. As manchetes eram críticas a um costume que não sei por que incomodou tanto aos brasileiros, a “Farra do Boi” - não que eu seja a favor, muito pelo contrário, mas sem hipocrisias, fui contra porque sempre tive medo dessa brincadeira. Nasci e cresci num bairro onde essa brincadeira era frequente e não fiquei sabendo de nenhum ato de violência contra os animais, pelo contrário, o que se ficava sabendo era

dos acidentes ocorridos com os farristas. Um ex-vizinho meu ficou deficiente físico por conta da brincadeira.

Mas a mídia foi imperdoável, impiedosa, e a brincadeira passou a ser crime. Esse povinho não é civilizado, que costumes bárbaros, que povo ignorante! Até artista global participou de um debate com os moradores do bairro.

Eu já visitei um frigorífico e pude observar como os animais são maltratados. Quem é contra a farra de boi, jamais poderia comer carne. Como as pessoas são hipócritas, delicias-se com um belo churrasco e têm coragem de falar de proteção aos animais.

Enquanto isso, em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e outras capitais, a violência já era uma constante, a guerra do tráfico estava borbulhando, mas a “Farra do Boi” representava um grande perigo à sociedade, e hoje os florianopolitanos farristas são criminosos!

Que coisa engraçada, os órfãos da “Farra do Boi” foram adotados pela brincadeira de tráfico de drogas, alguém conhece?

Sabe aquele bairro onde eu nasci e me criei? Pois é, ele fica aqui bem pertinho da UFSC, ou melhor, a UFSC foi instalada nele. Com isso, a brincadeira da “Farra de Boi” foi substituída... Agora seus órfãos brincam de traficar, de roubar e até de matar. Será que agora eles estão civilizados?

Por que será que esses órfãos não estão nas manchetes nacionais?

Talvez eu não seja compreendida, talvez seja até odiada por minhas palavras, mas o ponto crucial destes meus apontamentos é o respeito à identidade do lugar.

Todos sejam bem-vindos a Florianópolis, mas, por favor, respeitem a identidade local, contribuam quando necessário, mas não destruam o que foi construído através de séculos de história.

Eu desejo muito que a Maria Teresa chegue aos quarenta anos e possa comer peixe frito com farinha junto de seus filhos, que ela possa receber a bandeira do Divino em sua casa, que possa levar seus filhos e netos para apreciar a brincadeira do boi de mamão e apreciar um arrastão de tainha.

FLORIPA É BELA, FLORIANÓPOLIS NEM TANTO

Antonio Luiz Schalata Pacheco

Floripa é um pedacinho de terra perdido no mar, um lugar paradisíaco com mais de cem praias, uma para cada gosto – bolso... Literalmente, a Ilha da Magia. Florianópolis, uma realidade territorial insular - 97,23% – e continental, uma capital de estado que incorpora 10 mil novos habitantes a cada ano, com total acumulado superior a 420 mil. Mal distribuída entre 436,5 quilômetros quadrados, essa população ainda divide espaço com uma insustentável frota de 210 mil veículos automotores. Na alta temporada do verão esse quadro fica ainda mais complexo, pois a população dobra, e o número de veículos aumenta assustadoramente. Experimentam-se situações caóticas em inúmeros pontos, e o turismo, que agrada a alguns, acaba desagradando a outros tantos.

Apesar da proximidade com o continente, de toda a extensa orla marítima e das águas calmas, a ilha quase não é acessada por essa via, isso é privilégio de poucos. Para uma minoria, também está o acesso por via aérea; até mesmo porque o único aeroporto da região tem capacidade para não mais que um milhão de usuários por ano. Dessa forma, a principal via de comunicação é por meio da malha rodoviária.

Pode parecer paradoxal, mas o contato físico com o centro de decisões político-administrativas do estado de Santa Catarina fica restrito a algumas vias da BR-282. Tal paradoxo não é o único episódio impactante do caminho de entrada da cidade. Os quase três quilômetros que rasgam a porção continental são invariavelmente lentos e feios. Não é raro levar mais de meia hora para percorrê-los, mal-estar que fica associado à obrigatória contemplação de suas margens, ilustradas por favelas dos mais diferentes graus – que vai desde barracos improvisados aos barracos elaborados do projeto Singapura. A propósito, o processo feio e sujo da favelização parece interessar, em muito, ao setor da construção civil da região - áreas impróprias, ocupadas por uma porção de casebres, acabam sucumbindo à construção de hipermercados, *shopping centers*, etc.

Todo esse esforço de *trekking* automotivo nada ecológico culmina com a travessia de duas das suas três pontes, a Colombo Salles e a Pedro Ivo Campos. A terceira – ou primeira na cronologia, Hercílio Luz, mascote férrea de Floripa, está ocupada 24 horas por dia em ensaios fotográficos, sob a proteção perpétua da Fortaleza de Santana. Posando para os postais e repousando sobre a *Y-Jurerê-Mirim* dos Carijós, parece observar de longe suas ocupadíssimas colegas. Majestosas senhoras que, além de suportarem nos ombros todo o fluxo de veículos, ainda parecem suspender as barras de suas saias para não sujá-las nas fétidas, pardas e impróprias “águas” que lhes cobrem os pés –

por certo, os nativos Carijós hoje dariam outro nome a esse estreito, talvez *pequena boca d'água suja*.

Essas mesmas “águas” banham as baías norte e sul, prolongamentos funcionais da região insular. A propósito, tais prolongamentos tornam a ilha uma quase-ilha, pois já não é mais cercada de água por todos os lados. São alguns quilômetros de quase-areia sem um único guarda-sol. Certo político conservador local, careca, falou que fincaria o primeiro deles ali um dia. Infeliz, foi vítima da maldição das promessas de campanha: coisa dita é coisa nunca feita.

É... Assim fica difícil avistar a tão “marqueteada” Floripa dos belos postais, mesmo depois de quase uma hora respirando Florianópolis. Talvez esse seja o motivo de despenderem tantos recursos para manterem de pé, a todo custo, a impo(t)nente Hercílio Luz.

FLORIPA

Carlos Alberto Silva

A cidade de Florianópolis é uma cidade de estilo açoriano e portuário e que há muito tempo ligava-se ao continente através da ponte Hercílio Luz, que continua sendo até hoje o cartão-postal da cidade. É conhecida também como a Ilha da Magia, das crenças populares e do encanto.

Foi nessa cidade que, em 31 de janeiro de 1951, eu nasci. A cidade até hoje conserva o estilo açoriano, como exemplos: o mercado público, a antiga prefeitura na praça XIV de Novembro, a Igreja de São Francisco e a Alfândega.

Floripa possui quarenta e duas belíssimas praias que atraem todos os anos turistas do Brasil e do exterior. O turismo é uma das fontes de renda da cidade, mas nos últimos anos vem sendo prejudicado por vários problemas causados pelo sistema viário, que é deficitário. A falta de infraestrutura é a causa do grande congestionamento que vem afugentando o turista. É preciso fazer uma análise profunda dos problemas viários que vêm afetando a cidade e, em consequência, afetam também o crescimento econômico.

Eu me orgulho, e muito, de ter nascido nessa cidade, fazendo parte de sua população e do seu crescimento.

A BELA FLORIANÓPOLIS

Denis Dall Agnolo

A bela Florianópolis. Floripa, como é mais conhecida, com suas lindas praias e belezas naturais, mas também com construções de época que remontam à era colonial contrastando com modernas construções, utilizando as últimas tendências de estilo e engenharia. Essa é a Floripa que sonhamos, a que queremos, mas que, com o descuido atual, a que não teremos.

Floripa não tem mais para onde crescer. Cercada pelo mar por todo o seu entorno, a bela Ilha de Santa Catarina sofre com o inchaço populacional. Todo mundo quer morar em Floripa. E todos têm esse direito. Mas, infelizmente, Floripa não comporta todos. Seus limites geográficos são bem definidos. O que pode não estar bem definido é o quanto de gente cabe aqui dentro com uma qualidade de vida ainda aceitável. E também com o devido respeito às belezas existentes. Temo que, se esse limite ainda não foi ultrapassado, está perto de o ser. Porém, num sentido contrário, a cidade não para de crescer. Mas ela não cresce mais para os lados. Há algum tempo que nenhum aterro significativamente grande é feito. Mas Floripa cresce para cima. A verticalização da cidade é uma realidade presente. A ordem do dia é crescer, atingir as alturas. Prédios, torres, edifícios, todos esses somam novos *habitats* aos homens e multiplicam os seus

problemas. É fila para ir ao trabalho. Para casa. Para a praia. Até no mercado as filas já estão ficando longas.

Não fosse só isso, além de verticalizar as construções, estão invadindo os morros. O verde está sumindo e dando lugar a barracos ou mansões. Isso mesmo, pobres e ricos disputam a vista privilegiada do alto do morro. Morar em Floripa e ainda por cima com vista para o mar, quem não gostaria? E as demais áreas ditas “Áreas de Preservação Permanente”, de permanente somente tem a constante ocupação. São restingas que estão sendo invadidas. Mangues que estão sendo aterrados. O entorno da Lagoa da Conceição que vem sendo ocupado. Encostas de morros, margens de rios, áreas de nascentes, tudo está em risco. Perdeu-se o respeito pelo maior atributo que essa ilha proporciona: as belezas naturais. Floripa é bela, sim. Arrisco a dizer que umas das mais belas cidades da atualidade. Mas até quando? Até quando vamos permitir esse crescimento desordenado? Até quando vamos deixar de cobrar uma resposta agressiva e eficiente contra os agressores ambientais? Até quando vamos aceitar que pequenos estragos são aceitáveis?

É sempre triste pensar que uma festa de Carnaval na Ilha da Magia é capaz de reunir mais de cem mil pessoas, entre moradores e turistas. Mas que para reunir cidadãos para lutar e reivindicar direitos, uma multidão de cinco mil soaria quase como um milagre.

RUA OU CAMINHO?

Flávia Nazaré Fermiano

A passagem era meio esquisita, todos a chamavam de rua, mas eu desconfiava. Parecia mais um caminho que tinha sido desbravado naquele momento. Mato para todos os lados. Chegando ao meio do caminho, havia um córrego que a cortava. Adivinha... o que fazia a ligação? Duas tábuas podres. Pulando, era mais seguro do que atravessar por elas.

Havia poucas casas naquela localidade. Todos se conheciam. Fulano, beltrano... Um dia a patrula passou e tudo se modificou... Dias de sol, muita, mas muita poeira... dias de chuva, lama... Brincávamos na passagem ou rua, como muitos diriam, mas eu achava que era o meu quintal, pois não passava carro por ali. E quando passava fazíamos a festa, ou corríamos de medo. Imagina a velocidade naquela época: quarenta quilômetros por hora ou menos, sei lá, quando se é pequeno tudo é enorme ou muito rápido, e era uma loucura quando desses eventos. Brincávamos sossegados, era bem verdade. Descíamos o morro, que era bem alto, com carrinhos de rolimã... Eu, particularmente, nunca gostei de ser a primeira e nem a última no trajeto, porque o primeiro sempre quebrava a cara, e o último ficava no meio do caminho e se ralava todo. Então, eu era a que ficava no meio, questão de segurança.

Pois mamãe sempre dizia para não se machucar, e eu, como era obediente, obedecia. Havia um morro que separava o sossego da tribulação. Era a tão temida Federal... Nunca, em hipótese alguma, podíamos chegar próximo, porque era muito perigoso. Fui crescendo e descobri que não era Federal coisíssima nenhuma. Era chamada assim, porque passava muito carro, sei lá o que era muitos carros naquela época. Essa estrada fazia a ligação de todos os bairros e municípios, e ainda hoje faz, só que a modificaram um pouco. Até uma certa distância se manteve, outra parte foi alterada.

Em 83 a rua foi pavimentada com aqueles blocos sextavados, que prejudicaram muito nossa brincadeira, pois quando se ralava era feio, mas como brasileiros, não desistíamos nunca, ficávamos firmes e completamente ralados. Em 98 o asfalto trilhou.

Hoje em dia, a gurizada não brinca mais como naquela época. Mas ainda assim amo muito essa rua, que continua no meu coração. E se mantém, assim como nos primeiros dias que a avistei. Ah, todos falavam que era a rua do Coronel, depois do Atacado Vitória, e hoje em dia há um restaurante, então ficou conhecida como a rua do Zobot. E, na minha memória de infância, é um caminho que leva para casa.

FLORIANÓPOLIS, ILHA DA MAGIA!!!

Gilson Rodrigo de Miranda

O nome já nasceu errado. Será que o presidente Floriano Peixoto era benquisto aqui? Creio que não! Floriano Peixoto não era uma autoridade com popularidade e enfrentou grande resistência de seu governo em Desterro, antiga Florianópolis. Como a cidade era um dos principais pontos que se opunham ao presidente, este mandou um exército para a cidade para que fosse derrubada essa resistência. Belo presente! Bom, mas quem teve a ideia de colocar esse nome na cidade então? Hercílio Luz. Não estou entendendo mais nada! Quer dizer que o homenageado no principal monumento da cidade foi o cidadão que deu esse nome imbecil para Desterro? Exatamente. Nada tão contra assim ao Hercílio Luz, já que não tenho uma formação histórica para crucificar o ex-governador catarinense, mas há de convir que ele não foi “feliz” na escolha desse nome. “Florianópolis” não dá para engolir.

E por falar em Hercílio Luz, lembrei da nossa querida ponte Governador Hercílio Luz. Ainda bem que ela irá cair. Se demorar do jeito que demorou até agora para fazer a restauração, ela irá cair mesmo. Não é possível. Iniciaram-se as obras em 2005 com previsão de entrega máxima em 2012. Agora a previsão de entrega é 2013. Daqui a pouco será 2015, depois 2020, e,

finalmente, 2030, quando algum espertinho irá dizer que não valerá mais a pena restaurar. Todo nosso dinheiro indo literalmente para o fundo do mar.

Mas não vamos mais falar de pontes e coisas ruins. Vamos lembrar que Florianópolis tem belezas naturais incontestáveis. São quarenta e duas praias de fácil acesso. Claro, em certos horários e períodos do ano. Bom, dá para chegar, sim. Só leva um pouco de tempo nos percursos. Nada que duas horinhas não resolvam. Férias, festas, tudo tranquilo. Além disso, durante outros períodos do ano, como inverno, não tem tanto fluxo para as praias. Dentro da cidade a mobilidade é boa. Florianópolis só tem a pior mobilidade do Brasil e a segunda pior do mundo, segundo estudo do pesquisador Valério Medeiros, da Universidade de Brasília. Poderia ser a pior do mundo, não acha? Nem tudo está perdido. Eu, por exemplo, não tenho problemas com mobilidade na ilha. Eu saio 12h para o almoço e chego 12h15min em casa, quando vou de carro. Quando vou a pé levo 5 minutos. Poderia ser pior, vamos olhar e analisar por esse lado.

É importante mantermos as casas que foram criadas no início do século passado. Casas bem em cima da rua. Características da ilha. Parece que na época ninguém tinha carro. Vamos deixar todas as casas ali para mantermos a tradição. Vejamos pelo lado positivo da coisa. Logo, logo teremos mais um título: "Cidade com a pior mobilidade do mundo". Com certeza isso irá divulgar ainda mais a cidade de nome bonito

“Florianópolis: pior mobilidade do mundo. Venham nos visitar!”.
Além de tudo, Florianópolis é a capital nacional do surf. E o que
importa mesmo é que amanhã dará onda!!!

FLORIPA ONTEM, HOJE E SEMPRE BELA

Joice Regina da Costa Santana da Lapa

A Ilha da Magia é referência de tudo que há de mais belo na natureza. Não há como não achar... e nem como se perder. Vindo pela BR-101, tanto pelo norte como pelo sul, a ponte Hercílio Luz é marco inconfundível na paisagem litorânea, de dia e de noite: – Meu quiriido, tu pegas a Via Expressa e vás toda vida, toda a vida... até chegá numa ponte, não tem? Ali tu atravessas e já tás lá. Tu cambas pras direita ou vás reto, não sei pra onde quais í...?

Exageros à parte, esse é o linguajar típico do nativo da Ilha, o ilhéu, que é também chamado de manezinho.

Com o passar de alguns anos, o linguajar mané foi recebendo influências de novos habitantes, vindos das mais variadas regiões deste País, trazendo uma nova roupagem linguística para a cidade, capital do Estado de Santa Catarina. Bah! Ouvimos de tudo e de todo o jeito. Capaz que passe despercebido a sonoridade do gaúcho, das paragens do Rio Grande do Sul, que o mané, por mais que tente, não consegue reproduzir. E é muito bom que não consiga. Já pensou? A cidade perderia a sua autêntica “manezês”, ainda muito presente nas comunidades nativas das praias do Pântano do Sul, Armação, Campeche, Ribeirão da Ilha, Barra da Lagoa, Santo Antônio,

Sambaqui, Rio Vermelho, Ingleses, Santinho, Canasvieiras, Jurerê, Daniela, Cacupé e tantas outras, sem falar da lagoa formosa, a Lagoa da Conceição, tão apaixonadamente citada pelo Poeta Zininho, em seu Rancho de Amor à Ilha, que a resume como espelho da lua vaidosa, sestrosa e dengosa...

Esta Ilha, tão propriamente descrita em prosa e verso pelo saudoso poeta, continua bela e majestosa, com todas as transformações sofridas em decorrência da chamada “prosperidade”, e aqui podemos citar os aterros das baías norte e sul, que extirparam de Floripa – junção sintetizada de Florianópolis e paraíso – penso eu –, o Miramar, símbolo arquitetônico da antiga Desterro – primeiro nome da Cidade –, que avançava para o mar e era local de eventos de naturezas culturais, políticas, sociais e turísticas. Quando criança e até parte de minha adolescência, era ali, em frente ao Miramar, que costumava pegar o ônibus da Empresa Limoense para voltar pra casa. Tenho muitas recordações dessa época! O mar batia na mureta de proteção e, em dia de vento sul, era sofrível esperar o ônibus que, naquele tempo tinha um saliência enorme na frente – bico –, onde ficava o motor.

Lembro-me com clareza do trajeto que fazia do Instituto Estadual de Educação (IEE) – colégio no qual estudava – até o Miramar. Passava pelo Rio da Avenida – assim era chamada a Avenida Hercílio Luz –, pegava a Rua Vitor Meirelles, atravessava a Praça XV e ia primeiro passear na Rua Felipe Schmidt, dar uma

olhadinha no movimento da rua mais frequentada da cidade e que tinha como ponto de encontro o famoso Ponto Chic, depois conhecido como Senadinho e palco da Novembrada, movimento popular ocorrido na época da ditadura, no governo do Presidente General João Batista Figueiredo. O episódio teve repercussão nacional e depois de anos foi retratado no filme catarinense Novembrada. Esqueci de mencionar que sempre estava acompanhada de colegas de aula nesse meu (não tão longo) trajeto até o ponto de ônibus, situado em frente ao Miramar, depois transferido para o Largo Benjamim Constant, mais conhecido como Largo da Alfândega. Tempos bons!

A Floripa de outrora ainda existe nas minhas lembranças e nas de tantos outros que tiveram a oportunidade de acompanhar sua continuada transformação, decorrente dos mais variados fatores. Contudo, continua bela e sem igual! Nunca a natureza reuniu tanta beleza num pedacinho de terra perdido no mar...

O OUTRO LADO DO PARAÍSO

Maria José Nunes Pires Feijó

Sou “manezinha” e amo minha terra, um paraíso, praias, verão, baladas, atraindo turistas de toda parte do Brasil e do mundo, mas não posso deixar de constatar o crescimento desordenado que aconteceu, transformando e descaracterizando a Ilha da Magia.

Inúmeros encantos e belezas, Floripa é atualmente um dos principais destinos turísticos do País e de quem busca melhorar de vida em uma nova cidade. O futuro do paraíso, porém, está em jogo, ameaçado pelo crescimento desordenado.

Falei em descaracterização porque Floripa tinha “um quê” que era do espírito do Mané, espírito que a cidade proporcionava. Uma tranquilidade famosa, uma malandragem pura e simpática e uma calma de abrir a boca.

É óbvio que se me perguntarem se sou contra o progresso, direi que não, mas sou contra essa descaracterização, esse crescimento desordenado sem planejamento.

Fomos levando aos moldes “invejáveis” do Rio de Janeiro, a cidade que já foi uma Floripa e que tem seus principais cartões-postais manchados pela sujeira, poluição e crescimento desordenado.

Floripa está sendo sepultada pelo concreto, pela derrubada das casas antigas, destruição daquelas ruelas lindas e características da colonização. Deixem o centro da cidade, deixem as características! A “Conselheiro” e seus maravilhosos “sobradões”- isso é peça rara.

E sem falar então do verão em Floripa: turistas, manés e habitantes foram obrigados a conviver com engarrafamentos intermináveis, falta de água em alguns bairros, e de luz, preços exorbitantes de aluguéis, restaurantes. Os problemas ainda estão longe de fazer frente ao que Floripa oferece de melhor.

Em uma cidade que depende do mar para tudo, os baixos índices de saneamento são outro grave problema, e ainda “casas subindo até o alto dos morros; descendo quase até o mar; e feitas em dunas, restingas, mangues”, onde vamos parar?

“O tempo é este, de tentativas desesperadas para salvar a humanidade. O mundo se volta, tremendo e roendo as unhas, para as últimas reservas de água potável, últimas reservas de verde, últimas reservas de ar puro.”

Floripa é um paraíso, natureza privilegiada... Paraíso? Até quando? A Natureza estava sempre aqui indefesa, tudo estava lá... Só fizemos destruição, construindo desordenadamente, “é como se vestir de chita à *Gisele Bündchen*”.

CONFESSO QUE NÃO VIVI

Moises Eller

A Santíssima Trindade de Trás do Morro era a única freguesia da Ilha de Santa Catarina longe do mar, tinha uma paisagem bucólica, compostas por enormes chácaras. As casas, que eram poucas, tinham características arquitetônicas luso-brasileiras, nas fachadas havia enormes portas e janelas, que eram muitas, dando aos seus interiores luminosidade solar e frescor da brisa peculiar da região.

Nas chácaras os pomares eram ricos em frutas, colhiam-se bergamotas, laranjas - as brutas e as de açúcar -, goiabas, melancias, bananas, eram o paraíso dos pássaros e da criançada. E ainda a ira de alguns proprietários, quando invadidos pelos guris em busca do deleite dos manjares propiciados pelas melancias, mangas saboreadas à sombra das árvores.

Além das chácaras de propriedade privada, havia ali a fazenda Assis Brasil, de propriedade do Estado. Lugar onde era criado gado de leite e para onde os chacreiros levavam as vacas para cruzarem com os touros da fazenda. Cortando as grandes pastagens encontrava-se o Rio Toulois, com suas águas límpidas e refrescantes, onde a gurizada e os marmanjos tomavam banho e pescavam nos finais de tarde.

Aos domingos pela manhã, os fiéis, que era a maioria dos moradores, juntavam-se na singela igreja da Santíssima Trindade para ouvirem o sermão do pároco. Após a missa, homens e mulheres iam passear na praça da igreja, enquanto a criançada jogava futebol ou corria sem parar subindo no mais alto das árvores ali plantadas pelo Seu Orlando, pai do Hassis, menino habilidoso na arte de desenhar.

Durante o inverno, mais precisamente no mês de junho, ocorria a Festa da Santíssima Trindade. Esse era o maior evento do interior da Ilha de Santa Catarina, ao qual vinham pessoas de todas as bandas. Era a festa de gala, as pessoas colocavam as suas melhores vestimentas, homens de terno, mulheres com vestidos rodados, crianças com roupa de marinheiro. Os festeiros patrocinavam a festividade, nas barraquinhas no entorno da praça vendiam de tudo: cocada, pé de moleque, bergamota, laranja, groselha, entre outras guloseimas. No alto-falante eram oferecidos recados de amor para as gurias pelos apaixonados mais atrevidos.

No salão paroquial, construído pela comunidade e pela teimosia do padre Pauli, eram realizadas as festas de batizado, primeira comunhão, sessões de cinema e apresentação de peças de teatro. Toda a comunidade se envolvia na preparação dessas atividades.

Nas noites escuras sem energia elétrica, as ruas ficavam vazias, todos recolhiam-se cedo para suas casas, somente o

armazém do Seu Belarmino ficava aberto até mais tarde para atender aos notívagos que gostavam de jogar conversa fora, ao redor de uma mesa e alguns copos de cachaça.

Ao raiar do sol retornava-se à rotina: as mulheres na lida da casa, os homens trabalhando na roça, a criançada indo para a escola que ficava próxima à igreja. E assim se tocava a vida na bucólica Santíssima Trindade de Trás do Morro.

SANTA E BELA FLORIANÓPOLIS: ATÉ QUANDO?

Salete Maria Lanzarin

Em seus cento e poucos anos de vida ela já viu quase tudo nesta terra cercada de água por todos os lados. Paisagens verdes de gramados, embarcações que serviam de transporte, casarões antigos, seus manés a cavalo e muito João-de-Barro, os passarinhos passavam os dias soltos. Até ontem era respeitada, tinham medo do seu mistério, da magia das bruxas e outras coisas folclóricas ditas pelas gentes nativas. Ó I-hó I-ho, tempos bons aqueles.

Não durou muito e o falatório da sua fama se estendeu pelo planeta. O mundo queria conhecer a ilha faceira, da magia, de nevoeiro e vento sul. Até aí ela não imaginava do que a cobiça era capaz. Todos queriam um pedaço; não importa se para usar, cuidar, ou sei lá o que. Queriam. E isso parecia perigoso.

Perigoso ou não, não importa. Parecia não ter dono. Seduzidos pelo melhor lugar do mundo para se morar, quem tinha mais comprava, derrubava, construía sem pedir licença. Os gramados iam morrendo sem reclamar e dando lugar a especulação desenfreada: nada de projetos, de áreas para lazer, de aproveitamento legal do mar. Uma coisa em cima da outra e pronto. Isso era d e s e n v o l v i m e n t o. Coisa nova,

diferente, isso precisava para mostrar o potencial do turismo, a beleza por natureza e tudo mais.

Tinha que ter lugar para as visitas. Hotéis chiques para os gringos, para os que visitam a ilha de transatlântico, enfim, para fazer bonito.

Sem falar das estradas de concreto no meio do nada, como as da praia, ou sem saber para onde vão dar. Outras de barro mesmo rasgando as matas nativas. Só que para entrar na ex-santa e bela ilha já construíram três pontes. Uma dizem que já era, e tem projeto para a quarta porque está tudo lotado, e o povo tem pressa para sair e para entrar.

Mas também... A santa Ilha entrou numa sangria sem fim, e ninguém sabe qual ou como será a cidade quando o futuro chegar. Até lá quero estar looooooonge, muito longe...

A ILHA DA MAGIA, OU SERIA ILHA DE SANTA CATARINA?

Soeli Soares de Moraes

Estou falando de Florianópolis, que já foi Nossa Senhora do Desterro, para onde vieram os desterrados portugueses.

A cidade da moça faceira, da velha rendeira e da bruxa malvada, onde tudo de fato é magia. O transporte urbano diz ser o melhor, mas está caótico e mais caro, os ônibus sem manutenção, os terminais dizem que é de integração, na verdade é de baldeação.

Ao sistema de saúde chegam todos os dias ambulâncias do interior do Estado em busca da saúde de referência, que também é magia. O sistema não tem capacidade de absorver nem os moradores da cidade, que por sinal está sempre em obras. Seu sistema viário é complicado: cada dia tem uma nova rota, com construções de elevados e viadutos, e, como magia, as filas são intermináveis. As ciclovias que levam nada a lugar nenhum são fantásticas...

Ah, ainda temos as praias maravilhosas, sendo um grande número delas impróprias para o banho, sem falar no alto custo da temporada para turistas. Mais uma vez a magia impera: os turistas vão embora, e os moradores continuam pagando o preço de turistas o resto do ano.

A Ilha da Magia já foi palco de muitas lendas, como as de Franklin Joaquim Cascaes, também foi palco da Novembrada. Em 30 de novembro de 1979, Florianópolis recebeu o então presidente da República João Baptista Figueiredo, último presidente militar, para uma visita oficial, quando o povo pacífico da Ilha da Magia, revoltado com tanta hipocrisia, manifestou sua indignação.

E agora, é ou não? Tudo magia na Ilha de Santa Catarina?

O TRAJETO

Vania Maria Broering

O acesso a Floripa que preciso pegar para chegar ao meu trabalho está difícil, posso até dizer que está de matar, ou que está quase parando, ou ainda está de enlouquecer, ou como escutamos alguém dizer, “ta” uma fila enorme.

Muitos dias se passaram...

Essas idas e vindas no trajeto do meu trabalho me fizeram observar em qual percurso o trânsito flui, e em qual não flui. Então hoje, um dia de pressa, não posso pegar a avenida expressa, porque de expressa hoje ela não tem nada, na verdade o trânsito ali hoje não tem pressa, está paradinho, paradinhoouooooo.

Vou por outro caminho, o caminho dos que estão com pressa. Pego a Rua Irmãos Vieira, que é mais conhecida como Rua da Igreja, em seguida a Josué Di Bernard e dobro à direita na pequena Rua Acácio Moreira. Dobro novamente à direita e pego a Rua Egidio Ferreira, uma rua que todo mundo conhece como aquela do terminal de Capoeiras, o terminal que não deu certo e que está ali, novinho, mas abandonado. Entro na Dib Cherem, este é o trajeto mais antigo dessa região para chegar a Floripa, mas é por esse trajeto que eu vou. Depois desse acesso

outros foram construídos, como a Avenida Ivo Silveira e, por último, a Avenida Expressa.

Voltando ao trajeto que estou percorrendo, já na Rua Santo Saraiva, dou uma espiada para a via expressa... Xiiiiiii! O trânsito está lentinho ali nas proximidades do supermercado Angeloni. Ainda bem que hoje eu acertei: não peguei ônibus na minha frente aqui nesta rua...

Agradeço a Deus, pois cheguei à ponte. Aqui tem muita paisagem para admirar: o mar, os barcos, a marina, o morro da cruz. A cruz ali no morro ficou pequena, quase não se vê, igual o tempo, este também ficou pequeno, tenho hora para chegar, estou com pressa, tenho mais um trecho para passar, para enfim chegar ao final deste trajeto: a Universidade- onde ali está a universalidade das criaturas, e é um local difícil de chegar e de entrar.

A LAGOA DE TODOS E DA CONCEIÇÃO

Andréa Figueiredo Leão Grants

Não existe espaço mais democrático em Florianópolis do que a Lagoa da Conceição. Aqui se encontra de tudo e de todos. Várias cores, sabores, olhares.

Mesmo num dia de chuva seu encanto é evidente. Nada se compara a viver rodeado de morros preservados, nos quais é possível encontrar diferentes espécies da fauna e da flora. No quintal da minha casa observamos uma diversidade de pássaros, como sanhaçu, aracuã, canarinho, rolinha, João-de-Barro, entre outros. Uma família de macacos sagui, originários da África, que também elegeu esse lugar para viver e procriar-se.

Da janela do meu quarto vejo pessoas, carros e barcos. Pessoas nativas de costumes simples, como jogar a tarrafa na lagoa e dominó na praça. Carros que se confrontam ao buscar um espaço no já tumultuado trânsito de uma metrópole que mantém suas raízes originais. Barcos de pescadores que saem para pescar a tainha em maio, que levam turistas para conhecer a via gastronômica da Costa da Lagoa e associadas a embarcações luxuosas de afortunados forasteiros ou não que se divertem nos dias de verão.

O casarão na pracinha é um destaque à parte, a começar pela arquitetura açoriana conservada e restaurada. Além disso,

destaca-se por congregar a comunidade de moradores e interessados nas oficinas de renda de bilro, artesanato em argila ou mesmo a leitura silenciosa na biblioteca. A Escola de Samba União da Ilha da Magia, vencedora do carnaval de 2011 em Florianópolis, enche de orgulho e alegria os manezinhos e todos que a prestigiam.

Um dia, tudo isso foi Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, com seus engenhos de açúcar e mandioca, seus sambaquis; hoje é de todos, nativos, forasteiros, estrangeiros. Pessoas que, como eu, habitam nesse pedaço de paraíso que, sem dúvida, apresenta problemas de trânsito, demográficos, mas que, sobretudo, deixa-nos a cada dia com aquele olhar de turista ao encantar-se com sua beleza e majestade.

O que dizer da Lagoa da Conceição que ainda não foi dito em prosa e poesia, não sei, talvez apenas seja suficiente expressar um sentimento ímpar que somente quem possui o privilégio de conhecê-la pode experimentar.

Ó RIO VERMELHO

Carlos Roberto Vieira

Ó Rio Vermelho, Preto, Amarelo. Tingido por resina de pinos que lá foram enterrar. Para quem não conhece a localidade do Rio Vermelho, ou seja, São João do Rio Vermelho, local bucólico, cuja língua falada é o “manezês”, fica localizada no lado leste da ilha de Florianópolis, Santa Catarina. Olha que ironia, colocar o nome da ilha em homenagem ao cara que mandou matar um bocado de florianopolitano, ou seja, desterrense, pois este era o nome de Floriano, digo de Florianópolis.

Pois bem, voltando ao Rio, quero dizer, vermelho, ou melhor, Rio Vermelho, local onde funcionavam os últimos engenhos de farinha de mandioca, onde a farra do boi, terno de reis a malhar o Juda eram o passatempo dos ocupados e dos desocupados. Terra de João da Bega, ilustre vereador, autoridade da localidade, parente próximo, do homem que deu nome à rua principal do bairro, Rua João Gualberto Soares, amigo de uma família tradicional da ilha, os Amin. Enfim, tudo isso é passado, pois São João do Rio Vermelho é hoje paraíso dos retirantes, gaúchos, paulistas, cariocas, curitibanos, americanos, e até de alemães, que vieram em busca de sossego e segurança, mas aqui não encontraram não, pois isso já é coisa rara em qualquer parte

do País e do planeta. Porém, se comparado com os grandes centros, ainda é, sim, um paraíso, só não tem é Eva e Adão.

São muitos os que vêm e só vão ficar pouco tempo, passar férias e feriadão, e os que aqui constroem suas mansões. Os nativos dizem que até tem morador aprendiz de ministro, dizem que tem até banqueiro, ou quem sabe doleiro ou agiota, mas que tem gente boa, ah, isso tem!

Outra pérola é a praia do Moçambique, com seus catorze quilômetros de praia, sem nenhuma infraestrutura, coisa que é muito bom, pois esta só põe a perder tudo que Deus nos deu de bom. Lá buscam usufruir das excelentes ondas, da paz e da contemplação, meditação, e dos morros que sopram vento bom, para os homens imitarem os pássaros e voar, de parapente ou de asa delta. Não podemos deixar de mencionar as antigas e ilustres habitantes daquelas terras, as bruxas, que Franklin Cascais imortalizou em suas obras. Que de bruxas não tinham nada, segundo os menos místicos, eram apenas pobres mulheres que buscavam esconder-se atrás do misticismo deste povo e viver um pouco de emoção, na longa e monótona espera por seus maridos pescadores, que passavam dias, meses, e até anos, embarcados, aqui e acolá (Santos e Rio Grande).

Esta é a terra adorada, temida e respeitada, com seus lençóis brancos de areia, sua vertente cristalina, que fornece água boa para os Ingleses, Canasvieiras, menos para a Joaquina, que tem sua floresta enxertada pelo homem branco para faturar

e nada gastar, que oferece paz e descanso para aquele que lá vai buscar sem dele nada cobrar, seja no hotel-fazenda, seja nas pousadas ou nas moradas. Desabrigado lá ninguém fica não, basta ter um tostão.

LAGOA DA CONCEIÇÃO – A ALDEIA COBIÇADA

Elizabeth Terezinha Gomes

Ninguém passa impunemente pela Lagoa da Conceição. Ou você tem uma overdose do divino-natural ou você se nutre de uma involução selvagem. Minha história com a Lagoa da Conceição começou há exatamente cinco anos.

Tal qual a águia que voou para o refúgio da montanha (a águia é a única ave que chega a viver 70 anos, por volta dos 40 ela renova-se) vooi para a Lagoa da Conceição. Juntei meus encalhes para me recompor, fugi do medo da solidão, de alguns temores, de grandes amores, escapei do ócio, do tempo que tive tempo de ficar com todo o tempo e reuni os sentimentos em cadência. Desprendi-me do bairrismo, cadenciei meus passos de sob os pés coxos e parti de Porto Alegre... Ah! “Porto Alegre é demais... etc... e tal”!

Mas como não me desamarrear de Porto Alegre e não morrer de amores pela Lagoa? A Lagoa não é evidentemente apenas um bairro. Ao mesmo tempo em que é um éden, em cujo centro um espelho azul-celeste raia com o arco-íris do sol da manhã - brado sedutor - tanto para a malícia dos olhos como para a mansidão da alma, também é a aldeia urbana constituída por muitos forasteiros. Ah, se estou certa, na sua maioria, estes são gaúchos

e paulistas, mas o que faz a diferença mesmo nesta Aldeia são os nativos, a manezada.

A manezada, que de *mané* não tem nada, enfeitiça com seu sotaque do falar ligeirinho – *do segue reto toda vida, do poish poish* e, também, surpreende com suas formas de organização social e seus hábitos cotidianos. Aliás, organização aqui na Lagoa é que não há, ou até há, mas à moda aldeana, lei parece não existir, mas infelicidade por aqui, também, parece não passar.

Nas ruas, o trânsito é organizado pela tolerância dos motoristas. Até acho que nesse quesito o pessoal se organiza muito bem. Tão bem que, na alta temporada de verão, quem entra não sai, e quem sai quer voltar para nunca mais sair. Mas absurdo mesmo é ver a imprudência dos pais *harleyros* que, além de não usarem capacete, carregam seus *harleyrinhos* sem ele. Isso não é caso de polícia, isso é caso de desamor.

Aqui na Lagoa vale tudo, tudo que se procurar fora do horário das 8h entre 12h e 14h entre 18h você não vai encontrar. Gente, a manezada ainda faz o *sono da beleza* depois do almoço, benzadeus, que delícia! Serviço de 24 horas nem pensar. Aí, é que sinto saudades da minha Porto Alegre.

Muitos são os adultos que param nas ruas para conversar. Quando cruzamos com alguém, conhecido ou não, sempre há um bom-dia ou um boa-tarde que, muitas vezes, acaba ficando sem resposta, pois nós, forasteiros, logo nos esquivamos, não querendo *dar mole para o azar*, correr o risco de ser assaltado,

de perder o relógio, o celular, os documentos para qualquer *caça-fecho*. Aí, é que não tenho saudades da minha Porto Alegre.

Uma vez até me incomodei com a cachorrada que existe nas ruas e nas casas, isso que adoro os bichinhos, até tenho a Meggy. Só uma vizinha minha tinha 25, com os quais gastava todo seu dinheiro de aposentadoria. Bom, o dinheiro era dela, não compete a mim administrar, mas compete a mim, sim, sentir-me ultrajada na quietude de minha *choupana office*... Ah, como eu gostaria de ter tido mais silêncio para ter lido Nicolescu, Moran e Pêcheux na época de meu mestrado.

Ainda da cachorrada, incomodada com os hábitos de seus donos, tentei fazer uma campanha de conscientização para que cada dono, ao passear com seu cão, levasse uma sacola de plástico, essas de supermercado, para juntar o cocô de seu *pé-cascudo*. Não deu em nada, até hoje continuamos abrindo caminhos entre a bosta (ai!) e o chão divino-natural.

Por tudo isso é que desembocar do morro da Lagoa e olhar para ela é adentrar um outro planeta, que se rasga numa paisagem singular, entre a imensidão de sua beleza e a nostalgia dos tempos que retratam a lembrança dos velhos costumes e a realeza do divino-natural, quando os sonhos chegam ao máximo – um dia vou morar na Lagoa.

CAMPECHE TEM

Mirian Ghizoni Pereira Silva

Um nome, que alguns dizem, foi dado pelo criador de um príncipezinho, o aviador francês Antoine de Saint-Exupéry, que desceu de uma aeronave e lá aportou, e, ao referir-se ao bairro, dizia que era um “Campo de Pesca” ou “Champ et Pêche”. Os ouvidos dos manezinhos, acostumados ao ritmo rápido de suas falas, claro, apelidaram “campeche”. Outros dizem que é o nome de uma planta que tinha em abundância na ilha, em frente à praia do local. Por uma ou outra razão dada a esse nome, não importa, importa que aqui seja nome de bairro, no México é nome de uma cidade, e quem mora no Campeche, de lá não quer sair. Aliás, deslocar-se do Campeche ao centro se tornou um suplício. Está tão perto do centro que estimulou a muitos fixar suas residências, mas as ruas e avenidas engarrafadas nos fazem sentir que esse mesmo centro parece ficar tão distante, e que cada motorista pensa “que bom seria estar em um helicóptero”, afinal Campeche já teve o primeiro aeroporto de Santa Catarina.

Campeche tem um mar gelado e bravio que faz os pais dizerem às suas crianças “não entre no mar sozinho”, e esse mesmo mar faz a alegria dos pescadores e dos surfistas. Ora alegria de um, ora tristeza de outro. No inverno, o mar é das tainhas, e olheiros atentos buscam os cardumes, hora dos

surfistas debandarem. Engana-se o turista que pensa que o olheiro é simplesmente um homem agachado que nada tem a fazer, senão contemplar o mar.

Campeche tem o Bar do Seu Chico, o Bar do Zeca, o Cadico, a Dona Benta e o Laurindo, a academia do Tarcísio, o restaurante da Claudinha, seja Bem-Vindo às compras, se queres natural vá ao Casarão, e se queres ver a lua nascer linda, coma um camarão ao Surfoco´s. Tem também uma praia que é um Riozinho. Tem rádio e tem o “Onodi” ou o “Jadi”. Tem manezinho puxando o boi por uma corda, como se fosse um cão a passear. E tem os engravatados que entram no monumento com as colunas da maçonaria.

Campeche começa a se erguer na vertical, aonde quer chegar? Para chegar aos céus, estão indo até o inferno para bombear água do seu lençol freático. Esses prédios estão tirando a visão maravilhosa dos moradores e dos caminhos que levam até o mar.

Campeche ainda tem uma areia branquinha para caminhar e tem um vento uivando e frio avisando que o “sule” chegou para ficar três dias. E o morador que sente esse vento foi batizado e, como uma mandinga, sente seu coração preso a esta paisagem e a esta gente, e mais que três dias para ficar, quer viver uma vida por lá!

CIDADE UNIVERSITÁRIA, UM MUNDO INTEIRO

Roberta Moraes de Bem

Como falar de uma cidade que não é cidade? Mas se tem prefeito, como pode não ser uma cidade? Bom, tem prefeito, mas também tem reitor, tem colégio, biblioteca, restaurante, igreja, banco, hospital, praça...

Estamos falando da Universidade Federal de Santa Catarina, uma população de quase cinquenta mil pessoas, maior do que muita cidade do estado de Santa Catarina. Então, é compreensível porque tem prefeitura e tudo mais.

Essa "cidade" mais parece um mundo inteiro, pois podemos viajar nos livros da biblioteca, nas suas bases de dados que nos dão acesso a artigos do mundo inteiro, "e-books" ou, se preferirmos, podemos até viajar nos pufes que estão disponíveis no espaço cultural da Biblioteca Central.

Há opções para todos os gostos, para quem gosta de artes, esportes, física, matemática, biologia... Pra quem não sabe do que gosta ou quer discutir sobre o que gosta ou quem sabe discutir sobre tudo isso, tem a filosofia.

Se você quiser dar uma volta por toda essa cidade, ou melhor, por toda universidade, vai precisar de um mapa, talvez de um guia, ou quem sabe de um carro, não, melhor deixar pra lá, porque não vai encontrar lugar pra estacionar.

De qualquer forma essa cidade, essa universidade, é um mundo. A UFSC é um mundo de conhecimentos, de culturas, de pessoas, de valores, de riquezas, eu diria que a melhor cidade do mundo.

Quem não gostaria de morar num lugar onde se vê muita gente bonita o dia inteiro, onde podemos viver várias experiências em um único dia? Quem não gostaria de ouvir vários idiomas na sua própria cidade, seja por intermédio dos cursos de idiomas, ou por estudantes de intercâmbio?

Melhor ainda do que morar nesse lugar é poder ir lá a toda hora, quando quiser e sem pagar nada, e quando enjoar poder voltar pra vida real. Porque, realmente essa cidade é muito boa para existir de verdade. Contaram-me que a UFSC é um mundo virtual que várias pessoas sonhadoras idealizaram, pois como já dizia Raul Seixas "Sonho que se sonha só, é só um sonho. Sonho que se sonha junto é realidade".

De fato, as experiências e as opções são múltiplas, a UFSC é sim uma cidade de um mundo inteiro!

PÓS-FACIO

A oportunidade proporcionada com o lançamento da obra *Cronicar: histórias de momentos e lugares* vem ao encontro de um desejo anterior do Sistema de Bibliotecas da UFSC, o de credenciar-se como editora na Biblioteca Nacional, descortinando assim uma nova faceta da Biblioteca.

Biblioteca dinâmica, que pulsa o futuro, sem abandonar sua história, sua memória. Biblioteca voltada a projetar desafios para o século XXI, que abriga e disponibiliza o acesso ao conteúdo informacional, contribui para a ampliação do conhecimento, e, sobretudo, promove, fomenta e, agora, edita publicações científicas e literárias em formatos impressos e digitais.

O compromisso da Biblioteca em estabelecer parcerias e reforçar vínculos entre os diferentes setores da UFSC também é ressaltado nesse momento.

Não seria forçoso declarar que o lançamento da obra *Cronicar: histórias de momentos e lugares* representa uma quebra de paradigmas, pois revela a capacidade dos servidores técnico-administrativos de explorarem o lado literato de cada um, presenteando-nos com uma leitura contemporânea orquestrada por vozes múltiplas, focadas em recorrentes lembranças. Além disso, a criação deste livro eletrônico propicia a integração e o inter-relacionamento dos servidores envolvidos.

Por meio da leitura das crônicas percorro por vários lugares, consigo sentir as particularidades, as singularidades retratadas pelos olhares dos cronistas. Uma característica que me chama a atenção é que os autores, por vezes, voltam às origens da vida em suas *ciudades-mater*.

Isso me faz digressar à obra de Cora Coralina, nascida em Goiás, viveu 45 cinco anos no estado de São Paulo e retornou à sua cidade aos 67 anos. A autora, entre prosa e poesia, retratou tão bem a sua terra natal, a velha cidade Villa Boa de Goyaz. Tomo de empréstimo seus versos em “Azul e Branco”.

E depois do sonho realizado,
depois do desencanto
e do acordar,
voltam em peregrinação
lembranças e gratidão,
doçuras novas, imprevistas
encontradas no passado.

Cronicar fez-me sentir o sabor da escrita, dos laços que possuímos com nossa terra ou com nossas lembranças. Uma leitura ímpar, uma experiência tanto coletiva como individual.

Narcisa de Fátima Amboni
Florianópolis, 15 de agosto de 2011.

SOBRE OS AUTORES

ANA CLÁUDIA JANUÁRIO SILVEIRA



É técnica de laboratório.

Está lotada no Centro de Ciências Biológicas (CCB).

Possui graduação e mestrado.

ANDRÉA FIGUEIREDO LEÃO GRANTS

Formação: Biblioteconomia -
Habilitação em Gestão da
Informação pela UDESC.

Especialização: Gestão

Educacional pelo SENAC.

Mestranda em Literatura pela
UFSC.



Natural de Goiânia-Goiás.

Local de Trabalho: Biblioteca Universitária.

ANTONIO LUIZ SCHALATA PACHECO



Formação: Economia (UFSC);
Matemática (UFSC).

Especialização: Matemática
(UFSC).

Mestrado: Metrologia Científica
e Industrial (UFSC).

Doutorado: Engenharia Mecânica (UFSC). Natural de Tubarão –
SC.

Local de trabalho: INEP-EEL-CTC.

Casado com Dirivete.

Filhos: Antonio Luiz, Alice, Luiz Felipe.

CARLOS ALBERTO SILVA

Nascido em 31 de janeiro de
1951 em Florianópolis, filho de
Nestor Simião da Silva e
Marcelina Pereira da Silva.



Mora em Florianópolis, no bairro Santa Mônica.

Cursou as séries iniciais nas seguintes instituições: Grupo Escolar Getúlio Vargas e no SENAC. Fez o segundo grau no Instituto Estadual de Educação onde cursou o Científico. O curso superior fez na Universidade Federal de Santa Catarina onde se formou em Farmácia-Bioquímica no ano de 1981. Possui especialização em Microbiologia Clínica também na Universidade Federal de Santa Catarina.

CARLOS ROBERTO VIEIRA

Formação: Geografia (UFSC).

Especialização: Gestão Pública (UDESC).

Natural de Florianópolis – SC.

Local de Trabalho: DPAE – Coordenadoria de Planejamento de Obras.

Casado com Ivete.

Filhos: Carlos Eduardo (Caê) e Gabriela Vieira (Gabi).

Idade: 54 anos.



CARMEM VERA GONÇALVES VIEIRA RAMOS

Natural de Dom Pedrito – RS.

Vive em Florianópolis desde 1979.

Cursou Ciências Sociais na UFSC (1985).

Ingressou na UFSC em 1988 trabalhando com arqueologia.

Desde 1999 trabalha na editoria da Revista Estudos Feministas (CFH).



CLAUDIA LIGOCKI PINTO CANDEMIL

Ensino Básico – Escola Alferes Tiradentes – Fpolis – SC.

Ensino Fundamental – Instituto Estadual de Educação – Fpolis – SC.

Formada em Administração de Empresas (UFSC).

Especialização em Moderna Gestão Empresarial.



Admitida na Universidade Federal de Santa Catarina em novembro de 1985 no cargo de Datilógrafa.

Ascensão funcional em 1987 para Assistente em Administração.

Concursada em 1990 para o cargo de Administrador na UFSC.

Atualmente trabalha no Setor de Hemodinâmica/HU-UFSC, com compras e licitações.

DENIS DALL AGNOLO

Natural de Umuarama – PR. Vive em Santa Catarina desde os dois anos de idade.



Formado em Biologia pela UFSC (2007).

Especialista em Biotecnologia pela PUC-PR.

Atualmente trabalha como biólogo no CCB em um laboratório multiusuário de pesquisa.
Hobbies: filmes, livros, seriados.

ELIZABETE TEREZINHA GOMES

Licenciada em Letras.
Especialista em Assessoria
Linguística: Produção e
Revisão Textual e Especialista
em Educação a Distância –
EAD. Mestre em Ciências da
Linguagem. É uma professora



gaúcha, apaixonada pelo que fez a vida toda – que sempre viu na educação a possibilidade de transformação do homem e da sociedade.

Atualmente, é uma “catarinense”, servidora ufsquiiana, entusiasmada com o que está fazendo, trabalhando com projetos de capacitação dos servidores da UFSC – que vê nesse processo de formação e capacitação a possibilidade de um homem/servidor autoconfiante, autor-reflexivo e pensante.

FLÁVIA NAZARÉ FERMIANO

Formação: Letras- Português.

Pós-Graduação: UNIESC/DOM
BOSCO.

Natural de Florianópolis – SC.



Trabalha na Prefeitura Universitária na Seção de Compras.

Casada com Edson Carreirão Alves.

Possui um casal de filhos: Camila e Vitor.

GILSON RODRIGO DE MIRANDA

Graduado em Química Bacharelado (2003) e Química Tecnológica (2005) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ambos com mérito acadêmico. Mestre (2006) e Doutor (2010) em Engenharia Ambiental pela UFSC.



Tem experiência na área de Química, com ênfase em Química Analítica, e em Engenharia Ambiental, com ênfase em Poluição Atmosférica. Atua principalmente nos seguintes temas: análises instrumentais, amostragem e análises ambientais, emissões veiculares, estudo de impacto ambiental e energias renováveis.

HILTON FERNANDO DA SILVA PINHEIRO

Formação: Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007).

Especialização em Educação musical.

Atualmente é técnico em assuntos educacionais da UFSC. Tem experiência na área de instrumentação musical e no estudo da cultura afro-brasileira.



JANAÍNA SANTOS DE MACEDO



Historiadora.

Especialização em Educação a Distância.

Mestre em História Cultural.

Bailarina profissional (clássica e contemporânea) e professora

de ballet.

Casada com Paulo Roberto Arenhart. Mãe de Eduardo Macedo Arenhart, de 5 anos.

Trabalha na Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG).

JOELSON PORTO FERNANDES



É formado em Farmácia e Bioquímica.

Possui especialização em hematologia e gestão de empreendimentos na área da saúde.

JOICE REGINA DA COSTA SANTANA DA LAPA

É natural de Florianópolis – SC, tem 54 anos, três filhos e duas netas. Formada em Serviço Social (UFSC) com especialização em Gestão Universitária (UFSC), trabalha no Centro de Comunicação e Expressão (CCE/UFSC) na função de Coordenadora de Apoio Administrativo.



LUIZ FRANCISCO MAZO MARTINS



Nascido em Júlio de Castilhos – RS, em 24/12/1953.

Formado em Arquivologia pela Universidade Federal de Santa Maria.

Pós-graduado em Gestão em Arquivo pela Universidade Federal de Santa Maria.

Músico e compositor.

MARIA JOSÉ NUNES PIRES FEIJÓ

Filiação: Eugênia de Oliveira Nunes Pires e Aníbal Nunes Pires. Natural de Florianópolis/SC. Formada em Administração pela UFSC. Estudou no Colégio de Aplicação da UFSC.



Trabalha no Gabinete do Reitor: Secretária-Geral do Gabinete.

Tem uma filha, Luiza Nunes Pires Feijó.

MARLENE MEDEIROS DA LUZ

Signo: Capricórnio

Formação: Graduação e Pós-Graduação pelo CCS/UFSC.

Lotada no HU desde 1985.

Hobbies: leitura, viagens, receber amigos em casa.



MIRIAN GHIZONI PEREIRA SILVA



Natural de Tubarão – SC. Atualmente é moradora do bairro Campeche em Florianópolis.

Cursou Ciência da Computação e Psicologia (UFSC). Trabalha como Analista de Tecnologia da Informação (CFH).

Cursando especialização em Terapia Familiar Sistêmica e em Comportamento Organizacional e Gestão de Pessoas.

Atende como psicóloga voluntária no Serviço de Atenção Psicológica da UFSC.

Hobbies: leitura e filmes.

MIRNA CASSETTARI SAIDY



Nasceu em Santa Catarina.

Graduada em Letras Português.

Especialização em Revisão de Textos.

Na Universidade Federal de Santa Catarina, trabalha no

Centro de Educação fazendo revisões de livros didáticos da Educação a Distância.

MOISES ELLER

Formação: História (UFSC).

Especialização: História da Arte (UNISUL).

Natural de Florianópolis – SC.

Local de trabalho – DPAE –
Coordenadoria de Planejamento Físico.

Uma filha – Júlia.



OTÁVIO RECHSTEINER MAGHELLY



Carioca, 38 anos, Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal de Pelotas (1994). Mestre em Aquicultura, na área de concentração Melhoria Genética pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998). É gerente e responsável técnico pela Fazenda Experimental da Ressacada, do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina.

Foi responsável técnico e administrador de empresas produtoras de grãos, carnes e leite no sul do País. Foi ainda assessor técnico e Coordenador do Departamento Econômico da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo.

ROBERTA MORAES DE BEM

Natural de Florianópolis, 28 anos. Bibliotecária formada pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

Mestre e Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela UFSC.

Atualmente é servidora da UFSC, no cargo de bibliotecária, lotada no Sistema



de Bibliotecas da UFSC / Biblioteca Central / Serviço de Referência.

SALETE MARIA LANZARIN

Possui graduação em Biblioteconomia - UDESC e mestrado em LETRAS - literatura brasileira pela UFSC.

Atualmente é Bibliotecária do Colégio de Aplicação – UFSC.



SOELI SOARES DE MORAES



Natural de Timbó Grande / SC.

Formação: Biblioteconomia (UFSC); Administração (UFSC).

Especialização: Gestão Universitária – UFSC.

Trabalha no CTC/EQA –

Coordenadoria de Engenharia Química.

Ingressou na UFSC em 27/12/1993.

VANIA MARIA BROERING

Formação: Educação Artística
– Artes Plásticas.

Especialização:
Psicopedagogia.

Natural de Santo Amaro da
Imperatriz – SC.



Local de trabalho: Núcleo Desenvolvimento Infantil – NDI.

Função: Arte educação – Técnica em Assuntos Educacionais.

Idade: 56 anos.

ZULMA NEVES DE AMORIM BORGES

Formação: Letras- Português-Espanhol.

Especialização: História das Artes.

Natural de Araranguá-SC.

Local de trabalho: Gabinete do
Reitor/UFSC.

Cargo: Revisor de Texto.

Casada com Antônio, tem dois filhos,
Antônio César e Alice, e uma neta, Cecília.
